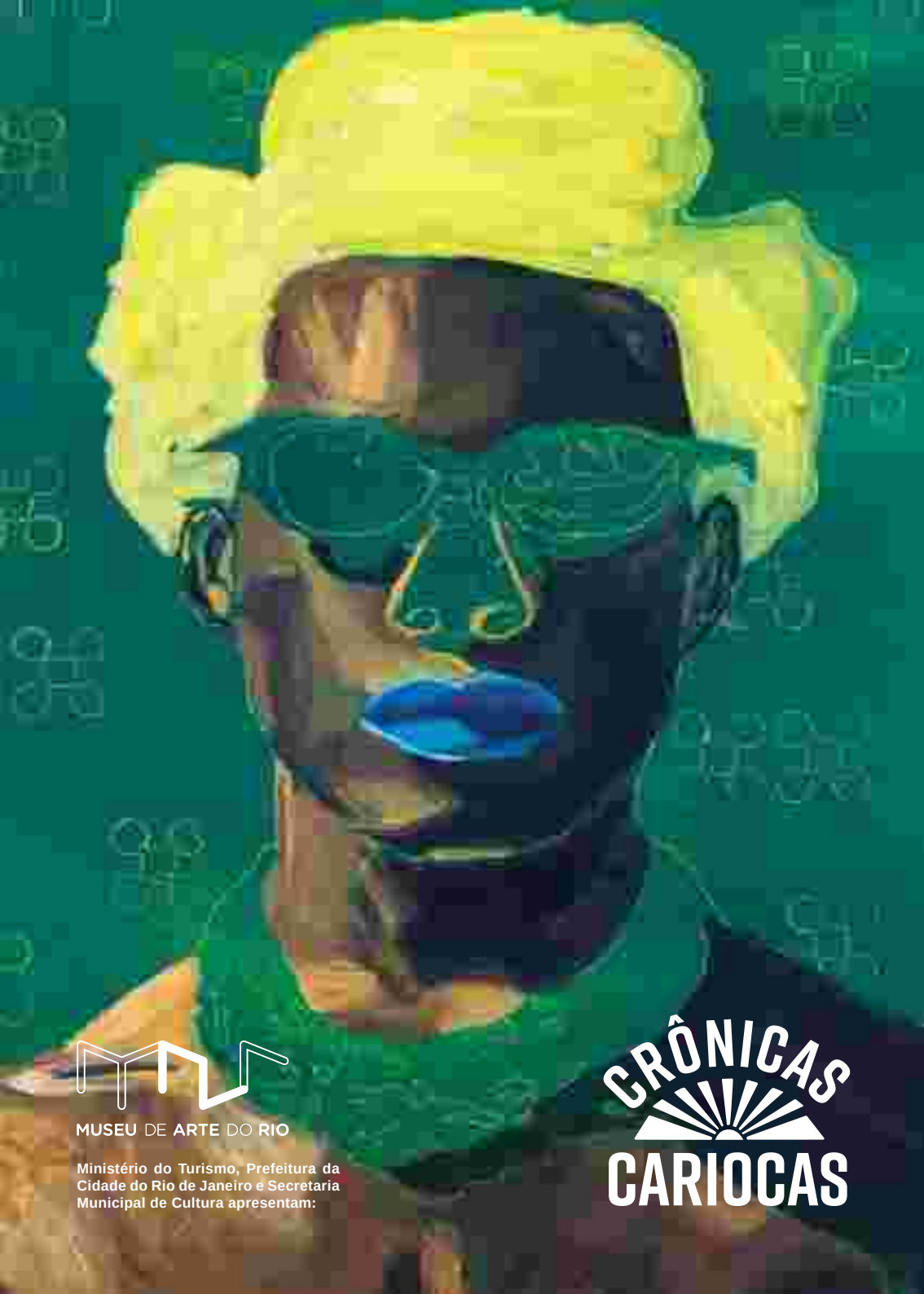
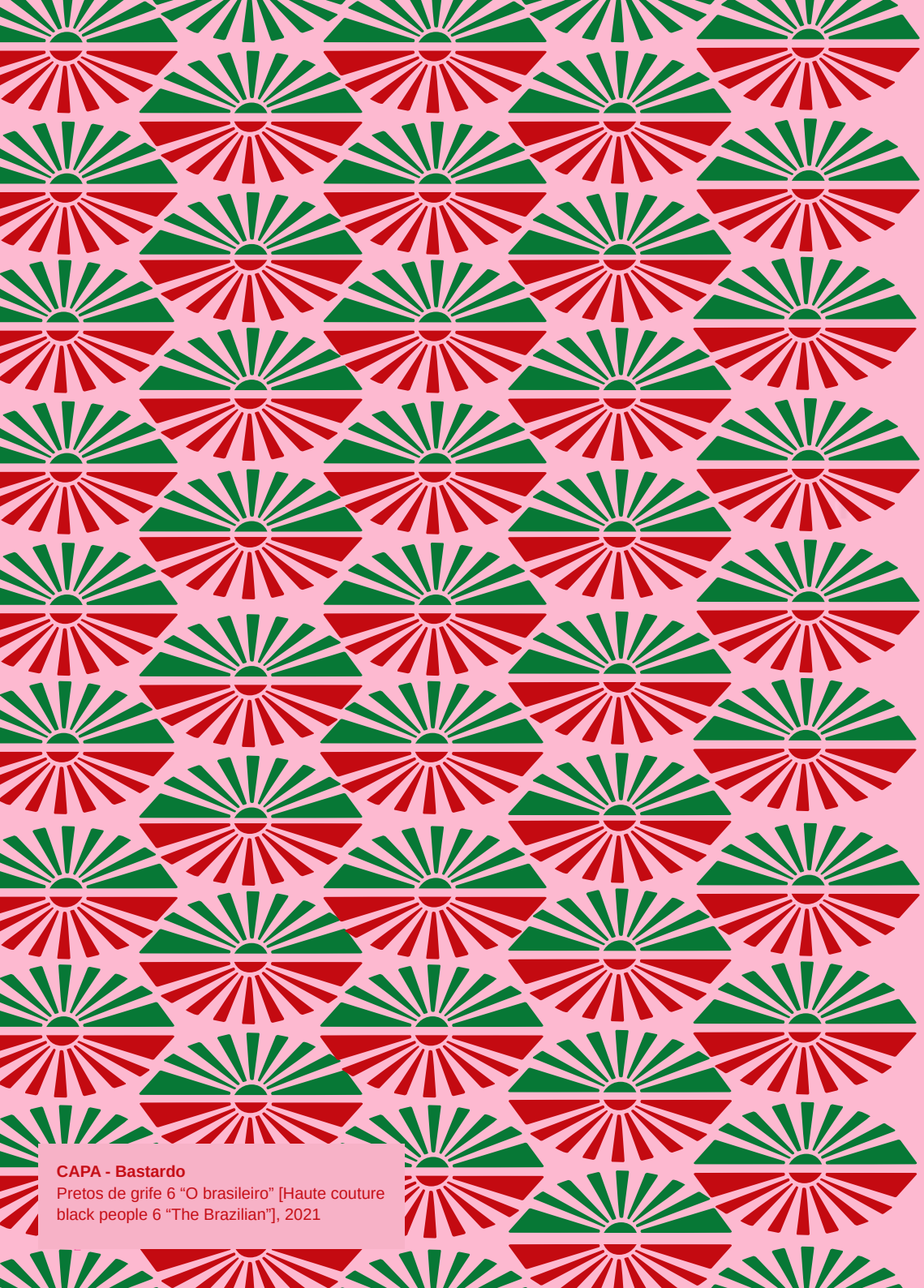

MUSEU DE ARTE DO RIO
Ministério do Turismo, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal de Cultura apresentam:
CRÔNICAS CARIOCAS



CAPA - Bastardo
Pretos de grife 6 “O brasileiro” [Haute couture black people 6 “The Brazilian”], 2021

SETEMBRO DE 2021

CRÔNICAS CARIOCAS

CURADORIA
Amanda Bonan | Conceição Evaristo
Luiz Antônio Simas | Marcelo Campos

MUSEU DE ARTE DO RIO

SUMÁRIO

CRÔNICAS CARIOCAS	5
O QUE DIZEM OS CURADORES	7
ANUNCIADORES DO FIM	27
SALA DE ENCONTRO	31
AVÔS E ANCESTRALIDADE	37
COSME E DAMIÃO	41
A DIMENSÃO DA CALÇADA	45
TRABALHADORES INFORMAIS	53
FEIRAS	57
POVO DA RUA	79
CIDADE PARTIDA	99
MOBILIDADE URBANA	101
MUSAS E CRÔNICAS	106
CULTURA DA PRAIA	108
VIOLÊNCIA	113
FUTEBOL	117
ORGULHO NEGRO	121
ORGULHO LGBTQIA+	123
RIO ERÓTICO	129
FESTAS	134
CIRCO	140

CRÔNICAS CARIOCAS

Em um passado pouco e muito distante, vislumbrávamos viver agora um momento diferente, sorrisos sem máscaras e encontros sem medo. Sonhamos com um futuro adiado por atrasos e negligências. Sem poder alterar a realidade, podemos revivê-la a partir dos sonhos, dos desejos e das utopias coletivas, como propõe a exposição Crônicas Cariocas, primeira mostra a ocupar o terceiro andar do MAR sob a gestão da Organização dos Estados Ibero-americanos e a correalização do Instituto Odeon.

Rubem Braga, relevante cronista capixaba dizia que “a crônica não deseja retratar ou capturar a realidade, mas recortá-la e reinventá-la”. Esse gênero literário, essencialmente carioca, apresenta um genuíno interesse pela realidade, pelas singelas situações diárias, como o almoço em família, a conversa de botequim, a beleza das ruas desconhecidas e dos pontos turísticos. Deleitar-se sobre o cotidiano se torna resistência em meio ao entristecimento imposto por esta tão longa pandemia.

Vislumbrando adiar o fim do mundo, como propõe o líder Ailton Krenak, apresentamos aqui as narrativas possíveis para coibir esse abismo que a humanidade anuncia, mas que pode ser represado com o resgate do sensível, com a poesia das ruas e as histórias sobre o afeto e a potência da cidade. Esta exposição, com curadoria da equipe MAR e dos escritores, pesquisadores e também cronistas da cidade Conceição Evaristo e Luiz Antônio Simas, vem a público contar sobre nós. Apenas nos reconhecendo nas diferenças seremos capazes de seguir em frente.

Sejam bem-vindos!

Raphael Callou
Diretor e chefe da representação da OEI no Brasil

Carlos Gradim
Diretor artístico do Instituto Odeon

O QUE DIZEM OS CURADORES

Eis a cidade do Rio de Janeiro, plena, múltipla, diversa. Uma cidade que traz muitas cidades, em si. Uma delas é a Cidade de Deus.

Rio de Janeiro, a cidade do rio e do mar. A do Rio Maracanã com suas enchentes a ecoarem: Gooool... Uma cidade de tantas águas, algumas piedosas a santificarem pelo nome um bairro, o de Água Santa, em um canto qualquer da cidade.

A cidade do mar e suas vazantes. Suas praias consagradoras de garotas de Ipanema, garotas da Laje, meninos do Rio, surfistas de trem. Suas águas criando outras praias, como a do Piscinão de Ramos.

Eis a cidade do Rio de Janeiro, com as suas belezas, suas seduções e seus tormentos. Suas religiosidades e seus sacrilégios. Seu Cristo de braços abertos sangrando em cada corpo que tomba por mil ou por nenhuma razão.

Eis a cidade do Rio de Janeiro, com o seu tempo de muitas épocas. Aqui o passado costuma se intrometer no presente e os dias serem marcados por uma ordem que é o caos. Mas a alma carioca forja os dias de amanhã. Existe nela uma sorridente esperança que teimosamente segue, apesar de tudo, urdindo o futuro

Conceição Evaristo

A MIUDEZA É DO TAMANHO DO MUNDO

O filósofo Walter Benjamin dizia que a história deve ser escovada a contrapelo: longe dos salões e perto das ruas, do cotidiano, das maneiras como as pessoas resistem, inventam e insistem na vida. É coisa parecida com a lição de um ponto do Caboclo da Laje, entidade que baixa nos terreiros cariocas: a pedrinha miudinha nos ilumina!

Nas frestas dos muros institucionais, as ruas tecem soluções que, como a arte de pernas tortas de Mané Garrincha, driblam o desassossego de um Brasil ancorado no projeto colonial de exclusão e mortandade para, incessantemente, construir sentidos de encantamento.

É de miudezas ordinárias (porque ordenam modos de vida comuns) que as crônicas tratam: dos fazeres cotidianos da vida expressos na criação de sociabilidades e nas formas de praticar o chão, o balcão, a esquina, a praça, o quintal, a cidade e, por isso mesmo, o mundo.

Luiz Antonio Simas

OUVIR A CIDADE

O Rio de Janeiro pode ser narrado de várias formas. Aqui, contamos pequenas histórias, miudezas do dia a dia, lidas cotidianas que se cruzam na diversidade.

Crônicas Cariocas escuta a cidade do Rio de Janeiro em seus balbucios, no encontro das calçadas, no canto dos pregoeiros, nas relações com a vizinhança, na esperança de abrir as janelas e ver que ainda vale o sorriso, que a lágrima será partilhada, que em qualquer sinal haverá alguém se lançando em malabarismos bem mais complexos do que o equilibrar das bolas e claves.

Aqui, escutamos o Rio das avós, daquelas que melhor sabem contar histórias e, em cada uma, um ensinamento sobre a vida, o nascimento e a morte. O Rio das encruzilhadas e seus deuses pagãos, das ciganas, dos malandros, das festas de louvor e sincretismo. Queremos ouvir o Rio dos trens, em vagões onde sempre cabem poetas. De outro modo, acompanhar as crianças, os erês, em busca da alegria. Denunciar o desaparecimento das linhas de ônibus que nos levavam ao trabalho e ao lazer. Cortar a cidade partida e expor suas cicatrizes, aquela da injustiça e do abandono.

Narrar o Rio que se ornamenta e faz cara de rica, que finge não ver os subúrbios e as periferias. Essa cidade diversa, que de um lado oprime e, de outro, se solidariza. Contar uma cidade que à noite se encanta, se ilude e dança nas gafieiras, te convidando a rodar nas searas do desejo para além de toda adversidade.

Marcelo Campos e Amanda Bonan

HÁ MÓ MBE HU TÁ. MBAEIXAPÁ HO NHEPYRUM YVYRUPA.

Há mó mbe hu tá. Mbaeixapá ho nhepyrum yvyrupa. Jaikua porã ve haguã nhande guery mamo pa nhande kuai ha yvyrupa re. Yvyrupa nhande kuai há ma ymagui ve itui vaekue ha'e. Ore ramoi omo mbehu orevype yvy mara héyn. Mavahe tu onbo jera nhande retei Kuaray haegui Jaxy. Ore rekopy ma Jaxy há'e gui Kuaray tykey. Hae haema omoingo tetei haegui nbemo ray haegui ka'aguy, haegui yy, tata, haegui yvytu. Nhanderu Tupã há'e homoingo yvyrupa. Tetei guery oixaã peixa hepa yvyrupa hoì hei. Peixa hema Nhanderu ombo Jera ra kae.

Nhande kuery ma nha kuai ojere vae py tuixa vae py ojere ojere ojere ndopytuhui. Yvyrupa ojere ojere ojere hoiny. Kuaray vatevei yvyrupa ojere ojere ojere, hoiny. Nhade kuery ndajapytai nhã iny. Haevy hae ma nhande pytuhe hae kui jaguata. Japyta nhã iny ramo nanha hendui yvytu. Haevyma rendu ojere vae ojere rendu yvytu yroy hacu hae oky. Nhande tetei má ojere tuixa vae ra mi ojere ojere ojere, hoiny.

Ore jaryi kuery haegui ore ramoi kuery má haipo hei yvyrupa má nhãdere tema hei. Nhade kuery jaiko porã xe ramo, tajai kuaa potavei katu peixa hae. Nhande tetei hae ma ja japovai mbaemo vai. Hae haema ndoikoi nbaemo vai. Nhaderui kuery nha nepytym von xei. Oky ogueru yy nhã tetei pe omombara hetei haguã. Tetei guery haema jajapo takuanre he rykue tetei jajapo mbaeyru rykue jajapo rã gueyn. Tetei guery haema nbaemo ojapo vyma ogueru nbae haxy. Mbaeyru rã tam xyn ndahevei vaeri tetei guery haema ojavai. Nhande kuery tetei guery nhã mo guy ha nhande renonderã. Kovae má ioko yvyrupa re nha in kontemve vaeri. Ore ramoì kuery ore jaryi kuery ore nbohe ronbo nbarahetei haguã nhade reko nhã ndehayvu jaiko porã'i haguã ko yvypy. Kovae rã ma tujakuei omo mbehu vae kue haema. Nhande yvyrupa ma opata hae javive hyn. Tetei rivema opata.

Ore mbya kuery haeve ore kuai. Juruá kuery ijavu oikua há vy heyn. Oreayvu vy má nbaemo Iporã ve haguã. Ore mbya kuery ma rokue reko oreayvu nhade reko. Ore kuery ma rombo jerovia tetei pé haegui paven hipe. kovae ma tenonde porã. Nhã nhangareko porã ka aguyre yy guyraire. Yvyrupa ikanguy ma nbaemo vai ojepo hapo raxa ma. Yvyrupa mobyry rupi. Yvyra hoì ty raxa ma yvy ho mbojere pa ma. Opena ita rendyre amboahere havi nopenai ra gue opena. Mbya kuery hara ndupy jaihuaa yvyrupa rema nhe'é pave. Ka aguy nhe'é.

Nha mbovai nhe'é kuery ramo ma mboemo vai ikora. Nhe'é vai meme má ikuai nhande rami. Kovae kui hae ma mbaemo vaiko.

Ore rokue reko ronhotyn avaxi yvyra. Nhande kuery jareko arandu tenonde porã rã. Nha nhãgareko nhande rekoare nha rekuai porã haguã. Kovae anho hi heyn. Jaikua potavei mbaemo iporã haguã jajerure Nhanderu Tupã pe. Ore kuery rojerure nhaderu pe arandu reko rare texai rare. Kovae roguereko oren hankare. Hay ma juruá rekore rive ma rojepy apy. Vaeri kovae rive heyn. Yvyrupa rema nhaderu rive onhagareko. Horeropy orekuai vy ojerure ore hanradu rare mbaeixa pa orekuai porã haguã. Nhande rekoa ho ikuaa pota vaerãma juruá kuery heyn. Okuaa pota vaerã má nhaderu. Amonkuepyma ndai jou pive vaeri jajerure Nhanderu pe mbarahetei rã re hae ahema oikua ra.

Xeramoi kuery aipohei ita hoin vae yvyjavere ymavema ita ndaipoi rakae. Yvyrupa nhaderu homomba taramo ma mbaexy hoiko rakae. Kovae ma yma oiko hae rakae kovae oiko juta horema ndorokue roviai juruá reko rokue rovia Nhaderu kuery. Mbya kuery ndoikoi veiramo co yvypy yvyrupa hopata. Yvyrupa hopata. Houta yy he en yvate ma heta hokue rahata nhe en.

Ita he yn vaekue ma hareraxa ituivy ita hopyta. Ita ikuai vae yvyjavere ma ita he yn vaekue. Hore randupyma ita Hendy vae. Hae vyhaema ya kãpy ikuai. Ita rendyma mbya kuery hará mdu. Juruá kuery má hoeka Ita rendy. Vaeri juruá kuery má ndojou moãi Nhanderu haema hoeja rakae.

Nhade kuery jareko tetei má jareko Ita rendy. Itai Hendy ramo jareko mbaetei. Tetei hae javivema jareko itai. Mbya kuery randupyma ita yvyre pytunja hendyvae. Ikoma pytunjave Hendy vae ka aguyre nhe he yvy hae gui yy xyry. Ykã pyroovyma ndorojo pyi ita. Ita irapora vae roxavyma ndorojopyi. Ro ikuaa py ndaevei jara haguã haegui. Jajopyramo ndajaiko porã i rã itare nhã pena vae yn. Vaeri juruá kuery ma ndoikua hai vyma ojopy itai. Ita nhe'é kuery ma ivai.

Yma ma juruá kuery hou hen yn rema, juruá rovari Nhanderu kuery ronhaganreko. Mbya kuery jaikove hajarema itai rendy ramo juruá kuery ndaipoka mohãi hore rekore.

Miguel Vera Mirim

Vou falar um pouquinho do começo, de como começou o mundo, o planeta. Para a gente entender melhor onde vivemos, nós, todo mundo. O planeta que a gente vive hoje sempre existiu. Nossos mais velhos contam que ele era uma terra-sem-males, não havia maldade. E quem gerou o ser humano foi o Sol e o Lua. Isso mesmo, em nossa cultura é o Lua, irmão do Sol. Eles que criaram os seres humanos, os animais, as florestas, as águas, o fogo, os ventos. Então, foram eles que criaram o mundo. Muitas pessoas pensam que o mundo sempre foi como é hoje. Mas ele foi criado assim pelos Nhanderu.

Nós vivemos num círculo, numa bola gigante e que não fica parada. O mundo está girando sem parar. A cada minuto, o mundo está girando. Nós não estamos parados. Por isso é que a gente respira, por isso a gente anda. Se o mundo parar, a gente não consegue andar, não tem como o vento andar. Quando a gente fica parado, não sentimos vento algum. Então, você sente que a roda está girando quando sente vento, frio, calor e chuvas. A nossa vida é como um círculo que está sempre girando, girando, girando como uma roda-gigante.

Os nossos mais velhos e mais velhas Guarani Mbya dizem que o mundo depende de nós. Se a gente quer viver em paz e com tranquilidade, sem maldade e coisa ruim, pois elas acontecem, a gente precisa agir conforme esse desejo. Somos nós, seres humanos, que criamos o que é mau. Por natureza não acontece nada mau. Quando eu digo natureza, falo sobre forças que querem ajudar o ser humano. Por exemplo, as chuvas que trazem água, são para ajudar os seres humanos. Mas nós, os seres humanos, criamos etanol e gasolina, o ser humano que cria gases, o ser humano é quem cria várias coisas que não era para serem criadas. E aquele que criou essas coisas trouxe doenças. Por exemplo, a fumaça dos carros não era para acontecer, mas aconteceu. E fomos nós, seres humanos, que fizemos errado. Nós, os seres humanos, queremos destruir o nosso futuro. É isso o que está acontecendo. Isso é sobre o planeta e o quanto a gente precisa dele, o quanto a gente é ele.

Os nossos mais velhos e mais velhas sempre nos ensinaram a fortalecer a nossa cultura indígena, a nossa língua, para que tenhamos forças para viver aqui na Terra. Então, isso que está acontecendo a gente já sabia, pois nossos mais velhos falam desde 1500 que o mundo vai acabar. Só que o mundo que vai acabar é o nosso mundo, não todo o mundo. A humanidade vai acabar, mas o mundo não.

Nós, povos indígenas, existimos e vivemos também. Os brancos falam de futuro só que não sabem do que falam. Quando falam, pensam numa ideia de melhorias. Nós, povos indígenas, preservamos a nossa língua, a nossa cultura. Aprendemos a respeitar cada ser, humano e não humano. Isso é que é o futuro para nós. Conservar a natureza, as águas, os pássaros, pois eles também criam o que a gente tem. O mundo está fraco, hoje, porque criaram muitas coisas que não deveriam ser criadas. No mundo inteiro, não só no Brasil.

Por exemplo, muitas árvores nativas foram cortadas, reviraram muito barro, mudaram a terra. Cavaram muito, tiraram muita pedra que estava debaixo da terra. Tiraram pedras brilhantes e várias outras coisas que não deveriam mexer. Como a gente sabe, tudo na terra tem espírito. Quando a gente fala da mata, ela tem espírito. Se a gente destruir tudo, os espíritos da mata vão ficar bravos e vão nos prejudicar em várias áreas. Porque tudo tem espírito, assim como nós humanos. Como consequência disso, muitas coisas acontecem.

Eu cuido de sementes e planto árvores. Todos nós temos projetos de vida e pensamos num futuro melhor. E pensamos que temos de proteger nossa família e a área em que estamos morando. Mas não é só isso. A gente tem de pensar coisas boas e pedir aos Nhanderu. Nós sempre pedimos a eles para nos dar sabedoria, saúde, para proteger nossas aldeias. É isso o que temos na mente. Hoje a gente vê muitas aldeias preocupadas com as leis, com as leis dos brancos porque é nelas que a gente vive. Mas não é só isso. Para a natureza não existe lei. Por exemplo, eu estou aqui na minha aldeia e, ao mesmo tempo, estou pensando e pedindo aos Nhanderu para me dar sabedoria sobre como vou agir. A gente sabe que as demarcações de terras indígenas estão difíceis hoje, mas quem vai decidir não é a lei. Quem vai decidir são nossos espíritos, nossos Nhanderu. Às vezes, eu não estou lutando no grupo de algum movimento indígena, mas estou lutando aqui na aldeia, na minha casa, pensando e pedindo para os Nhanderu darem força porque são eles que vão decidir.

Nossos mais velhos falam que as pedras que existem hoje, no mundo inteiro, aquelas enormes, antigamente não eram pedras. Nosso primeiro fim de mundo foi a chegada de doenças. Porque isso já aconteceu muitos anos atrás e isso vai continuar a acontecer novamente e depende de nós, indígenas, não acreditarmos nas leis dos brancos e fortalecermos as leis de Nhanderu.

E essa lei diz assim: se chegar a um ponto de não mais existirem indígenas, não vai mais existir Brasil. O mundo vai deixar de existir. Virá muita água dos mares e dos céus e irá levar muitas pessoas.

Mas a pedra não era pedra. Quando o mundo acaba, o lixo se junta num lugar só e fica muito tempo parado, aí vira pedra. Hoje em dia a gente vê pedras muito grandes, mas aquela pedra não era pedra. Ao mesmo tempo, o nosso conhecimento indígena é uma pedra que brilha. Por isso que existe muita pedra na cachoeira, na mata. Porque a pedra brilhante é o conhecimento indígena, é aquela que brilha. E assim ficam os brancos quando procuram ouro: procuram pedras brilhantes. Só que nenhum garimpeiro vai achar aquela pedra que mais brilha, que é o nosso conhecimento, que os Nhanderu criaram.

Quando eu falo das pedras, na verdade, todo ser humano tem uma pedra, uma pedrinha brilhante. E, enquanto aquela pedrinha está acesa, você tem vida e saúde. Em cada membro de nossos corpos tem uma pedra, só que a gente não vê. E a sabedoria indígena Mbya Guarani é uma pedra brilhante que fica embaixo da terra. Também existe uma pedra que brilha à noite, e aquela pedra é o espírito da mata, o espírito da terra, o espírito da água, e é por isso que a água corre, porque ela tem sabedoria, espírito. Por isso que quando nós, indígenas, vamos a uma cachoeira não pegamos pedra nenhuma. Vemos uma pedra bonita e deixamos ali mesmo, não mexemos. Porque a gente sabe que aquela pedra é importante, não pode ser tirada dali nem ser levada para casa. Se a gente pegar uma pedra assim, vamos passar mal, podendo até morrer, pois não era para mexer. Só que os brancos não sabem disso, pegam pedra bonita na cachoeira e já levam para casa. O espírito dono daquela pedra pode transformar aquela pessoa numa pedra.

Muitos anos atrás, desde que os brancos chegaram aqui no Brasil, nossa arma é a lei dos Nhanderu para lutar contra os brancos. Enquanto existirem as nossas pedras brilhantes, os brancos não vão conseguir acabar com nossos direitos, nossas línguas, nosso ser indígena.

Miguel Vera Mirim

O que os livros escondem,
as palavras ditas libertam.
E não há quem ponha
um ponto final na história
Infinitas são as personagens…
Vovó Kalinda, Tia Mambene,
Primo Sendó, Ya Tapuli,
Menina Meká, Menino Kambi,
Neide do Brás, Cíntia da Lapa,
Piter do Estácio, Cris de Acari,
Mabel do Pelô, Sil de Manaíra,
E também de Santana e de Belô
e mais e mais, outras e outros…

“Do Velho ao Jovem”,
Conceição Evaristo

Vista das obras de Mestre Didi

Vista das obras de Mestre Didi

Meu rosário é feito de contas
negras e mágicas.
Nas contas de meu rosário eu
canto Mamãe Oxum e falo
padres-nossos e ave-marias.
Do meu rosário eu ouço os
longínquos batuques
do meu povo
e encontro na memória mal
adormecida
as rezas dos meses de maio
de minha infância.

“Meu Rosário”,
Conceição Evaristo

Nádia Taquary
[Figa], [primeira metade do século XXI] / [Fig sign], [first half of the 21st century]

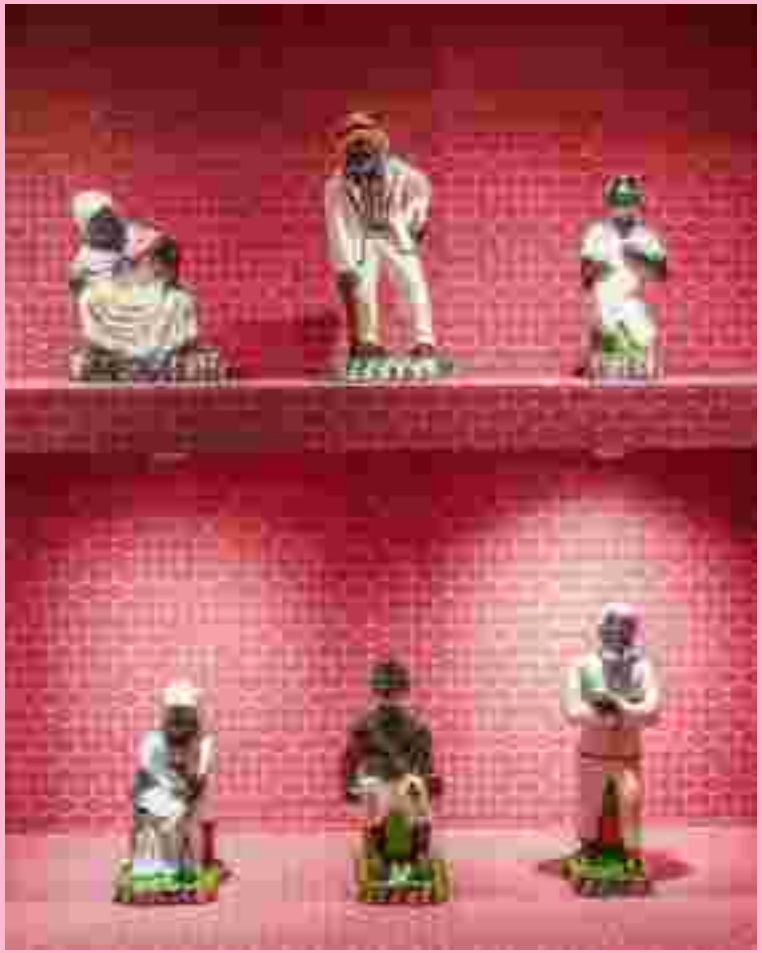
Desconhecido / Unknown
Joias de Crioula, [século XIX] e século XX / Creole Jewelry, [19th century] and 20th century]

TIA CARMEM

Com uma trajetória singular de uma verdadeira Yalodê, Tia Carmem do Xibuca trazia em seus quitutes verdadeiros encantos de sua ancestralidade. Tinha fartura de descendências, amigos, baluartes e vida como uma verdadeira filha das águas doces que transitou nesse Aiyê até seus longínquos 109 anos. Respeitada em sua fé no candomblé e no catolicismo, trazia inclusive traços do Islamismo em seus patuás.

Vista das obras de artista desconhecido e Simplice Ajaiy

Pelas bênçãos de seu ventre e pela saúde de suas crias, saudava Ibejis anualmente com grandes festejos popularmente conhecidos. “Sou das crianças”, assim proferia a quem pudesse ouvir. Baiana do tabuleiro, do carnaval, da missa e do terreiro. Contemporânea de Tia Ciata, Tia Prisciliana, Aniceto, João Alabá, Heitor dos Prazeres e dentre outros grandes griots que marcaram a história afro-brasileira e carioca.



Vista das obras de Rosemar Aquino Lopes, wRosangela Aquino Lopes e Rubens Aquino Lopes

Tiago Sant'Ana
Rota de fuga [Scape route], 2021

ANUNCIADORES DO FIM

Há pessoas que, por sua vivência singular, se transformam em personagens da cidade. Conhecidos por todos, são alvos tanto de afeto quanto de desconfiança ou mesmo destrato públicos. Filhos da vulnerabilidade social, são também capazes de criar mundos próprios, conjugando sabedoria popular, lucidez e loucura, revelando por vezes segredos delirantes ou profecias imaginárias. Conta-se que Bispo do Rosário perambulou até a igreja da Candelária para anunciar que era ele o enviado para julgar os vivos e os mortos. Agora que o aquecimento global é uma realidade e a pandemia tirou o chão de todos, anunciar o fim do mundo, cada vez mais real, já não parece assim tanta loucura. Ouçamos o que têm a dizer Bispo do Rosário, Estamira, Stela do Patrocínio e o Profeta Gentileza, que já falava: “E o capetalismo – surdos – cega – mata, conduz para o abismo”.

PROFETA GENTILEZA

(Cafelândia, SP, 1917 – Mirandópolis, SP, 1996)

José Datrino, mais conhecido como Profeta Gentileza, foi um andarilho que por mais de 20 anos circulou pelas cidades do Rio de Janeiro e Niterói pregando palavras de amor e respeito pelo próximo e pela natureza, com seu estandarte anunciando “Gentileza gera Gentileza”. Após o incêndio do Gran Circus Norte-Americano em Niterói, no ano de 1961, o Profeta Gentileza alega ter ouvido um chamado espiritual para que abdicasse de seus bens materiais. Por esse motivo, deixa sua cidade natal e se destina ao local da tragédia, onde planta um jardim, conforta os familiares das vítimas e mora por quatro anos. Na zona portuária, com extensão do Caju até a Rodoviária Novo Rio, o Profeta Gentileza pintou 56 pilastras do viaduto do Gasômetro com alternativas para um mundo melhor. Àqueles que o apontavam como louco, ele dizia: “Sou maluco para te amar e louco para te salvar!”.

Márcia Foleto
Pinturas do Profeta Gentileza no Elevado da Perimetral
[Paintings of the Prophet Gentileza at the Elevated Road of Perimetral], 2013

ESTAMIRA

Tendo trabalhado como catadora por mais de duas décadas no aterro sanitário de Jardim Gramacho, Estamira ficou conhecida por protagonizar o documentário de título homônimo realizado por Marcos Prado, em 2004. O aterro, que recebe mais de 8 mil toneladas de lixo da cidade do Rio de Janeiro, era também sua moradia e, ali, Estamira professava discursos visionários que transitavam entre a lucidez e a loucura, resistindo às categorizações da psiquiatria, da religião, da opressão do trabalho, da sociedade do controle e dos estigmas de gênero, raça e classe. Como uma demiurga que não se subordina, ela acreditava ter a missão de levar princípios éticos para pessoas que viviam fora do lixo.

> “Existe a lucidez e a ilucidez. A gente aprende alguma coisa de tanto lucidar.”
>
> **Estamira**

BISPO DO ROSÁRIO

(Japaratuba, SE, 1909- Jacarepaguá, RJ, 1989)

Bispo do Rosário permaneceu por mais de 50 anos internado na Colônia Psiquiátrica Juliano Moreira, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro. Ao longo desses anos, o artista produziu milhares de objetos compostos de itens oriundos de lixo e sucata, além de bordados feitos com fios reutilizados de lençóis e roupas. Muitos deles são itens que pertenciam ao seu cotidiano, como utensílios utilizados na construção civil e nas atividades domésticas. Seu vasto conjunto pretendia compor um inventário do mundo para o dia do juízo final, quando Bispo do Rosário apresentaria a Deus as coisas existentes na Terra. “Quando eu subir, os céus se abrirão e vai recomeçar a contagem do mundo. Vou nessa nave, com esse manto e essas miniaturas que representam a existência. Vou me apresentar.”

SALA TÉRREO

REZADEIRAS

No inventário das minhas recordações de infância, um capítulo especial deve ser dedicado às mazelas da saúde, doenças estranhas e maneiras de curar que, de forma geral, desapareceram do mapa ou hoje foram relegadas ao campo das crendices populares e superstições. (...) Registre-se que a melhor forma de afastar essas urucas era mesmo tendo uma boa rezadeira por perto. Sabedoras de rezas ancestrais, herdadas do catolicismo popular português e passadas entre gerações da família, as bondosas rezadeiras faziam verdadeiros milagres com seus galhos de arruda, vassourinha, guiné, espada-de-são-jorge e fedegoso. Eu mesmo me curei de uns calombos na cabeça, gerados pelo parto a fórceps, com fumaça de cachimbo de preta velha e as jaculatórias benfazejas sussurradas pela minha avó Deda, que sabia dos segredos do benzimento. Afinal de contas, como diziam as avós, Jesus Cristo, quando andou no mundo, três coisas levantou: arca, vento e espinhela caída. E, quando entrou em Roma, em romaria, foi benzendo cobra, cobreiro, cobraria.

Luiz Antônio Simas
Extraído do livro Coisas Nossas

Ó, senhora rezadeira
Rezadeira
Ô, rezadeira senhora
Minha senhora
Senhora rezadeira
Reze uma prece com fé
Pra que a raça brasileira
Esteja sempre de pé
Reze pra que o nosso povo
Viva sempre a liberdade
E construa um mundo novo
Cheio de felicidade
Falei ô senhora

“Senhora Rezadeira”,
Dedé da Portela e Dida

André Vargas

Vista das obras de Castiel Vitorino, Mônica Ventura, Alexandre Vogler, Yhuri Cruz e Denilson Baniwa

AVÔS E ANCESTRALIDADE

A VOZ DE MINHA MÃE

O som amável, bravo, convicto, quase nunca acoado, da voz de minha mãe invadia meus ouvidos, como bons cântigos antigos, que me lembravam os tempos de antigas embarcações, braços entrelaçados que nunca se soltaram e que ancoraram firme em terra desconhecida, a grito de mercadores, doutores, traumas e dores, e ainda assim amores aquela pele retinta, a tinta no papel, vermelha a cor dessa terra, sangue ancestral nesse chão, enquanto minha vó limpava, respingando o suor da testa, na pátria verde-amarela, a pau-brasil.

A noite sorriu e era uma cabocla, do interior da Bahia, com corte do peito a bacia, e uma voz macia, sotaque arrepia e grita, no breu da mata escura, é quem me desperta às 3 da matina pra cumprir uma missão. Eu deito nesse chão, bato cabeça sim senhor, coberto estão meus sonhos humildes, deixo das mãos dos meus bisavô, vivo fico e finco, esse povo que nunca morre.

E, ao ouvir a voz de minha mãe, descubro que no verso preto meu sangue é cobre, ela encobre a parte feia da história e me conta suas dores sorrindo, não diz que abriu mão dos sonhos pra que o meu continuasse existindo, eu vim do útero da minha vó, eu estive nos navios negreiros, dentro do tonel de povora, sem sangrar a dor do cativeiro, escrevo pois a escrita é minha mãe, e canto para os ancestrais, a história continua viva, dentro do ventre das Yabas, percebo a criança preta eu, que ouvia minha mãe cantando, tinha tanto amor naquele canto e a dor, nunca entendi o quanto, lembro quantos chocalhos e flechas ao ar, de olhos fechados, terra molhada, ela tateia o meu caminhar, vocês enxergam dor onde eu sempre vi entrega, e quem se entrega à vida nunca é morta por ela e eu só falo, o que me permitem, não o que imite ou irrite, algo feito por e para o sagrado, não sendo assim, as línguas não progridem, perdem-se as raízes, pois dinheiro sujo de sangue não alimenta o meu sangre, nem meu espírito ajé.

Bruxaria, vodoo, transe, transmite a minha poesia, palavra ainda impactada meu povo, ao ponto de quebrarem seus blocos cinzas. Nasci do nada, sou fogo e água, sou terra e lava, ritmo e energia, sou preta, indígena, raça guerrilha, ritmo que corta o vento, riste, flecha, sou melanina.

Brenda Lima

Laís Amaral
Retalho é o mundo
[Patch is the world], 2018

COSME E DAMIÃO

Dia de São Cosme e Damião é dia de igreja aberta, missa campal, terreiro batendo, criança buscando doce, amigos bebendo saudades e aconchegos. Dia de comer caruru na rua. A tradição brasileira de Cosme e Damião é a mais festiva do mundo. O bom, nessas horas que antecedem as folganças dos santos gêmeos, é vadiar no clima da folia, tomando pinga e ouvindo umas cantigas bonitas sobre os protetores dos meninos. É hora de bater samba de roda pra Dois-Dois, na palma da mão e no ponteio da tirana.

Aqui em casa toquei a alvorada lembrando as cantigas mais bonitas que conheço em homenagem aos gêmeos. É de comover pedra! Quando ouço as louvações pros santinhos, tenho forte desconfiança de que ainda morro um dia de tanta belezura do Brasil – um amor que não se explica, feito cachaça da boa, jabuticaba, sorvete de cupuaçu, beira de rio, gol do meu time, cerveja gelada, mulher amada, amigos do peito e caruru de Cosme. E que, no dia de cantar pra subir, um samba de roda desses me carregue ao encontro dos meus pela Noite Grande.

Luiz Antônio Simas

(...)
Mas minha cabeça é sã
Porque Cosme é meu amigo
E pediu a seu irmão, Damião
Pra reunir a garotada
E proteger meu amanhã,
meu amanhã.

“Patota do Cosme”,
Zeca Pagodinho

Ivan Moraes
Dia de candomblé
[Candomblé Day], 1965

Rafael Amorim
Dois rapazes de mãos dadas [Two boys holding hands], 2021

A DIMENSÃO DA CALÇADA

As crônicas nascem das trivialidades cotidianas: a reclamação sobre o calor (como dizia Machado de Assis), a mobilização da vizinhança para defender os cães de rua contra a carrocinha que recolhia os bichos (como escreveu Lima Barreto), a pergunta no botequim sobre o resultado do futebol, como cantou Noel Rosa. O território da crônica, por excelência, é o da calçada: vizinhos que se encontram para jogar conversa fora, contar o sonho que indica o palpite do bicho, levar a criança na rezadeira do bairro que cura quebranto e olho gordo, trocar a receita da garrafada que cura a bronquite. Longe das redes sociais e da vida virtual, em geral desvirtuada, a calçada é o símbolo de uma cidade que, em vez de ser pensada como espaço por onde carros circulam, é praticada como o chão onde os corpos se encontram.

Luiz Antônio Simas

Agrade Camiz
Teu nome tá no Judas
[Your name is in Judas], 2020

VIZINHA FALADEIRA

A A.R.E.S. Vizinha Faladeira foi fundada em 1932 por David da Silva Neves e Saturnino (filho de Hilário Jovino) no Santo Cristo, Zona Portuária do Rio de Janeiro, território também conhecido como Pequena África. Foi batizada com esse nome em alusão a duas moradoras da Rua América, a Velha França e a Velha do Beco, que viviam a tecer comentários sobre a vida alheia na vizinhança. Uma das pioneiras do Carnaval carioca, antigo reduto de bicheiros e polacas, já foi uma escola abastada, trazendo até limusines em seu desfile. Inovadora, foi a primeira a trazer desfiles idealizados por carnavalescos (Irmãos Garrido).

O casal de mestre-sala e porta-bandeira tem a responsabilidade de defender o pavilhão da escola, que não é apenas uma bandeira, mas representa a comunidade, sua origem e seu legado.

Autoria desconhecida
[Batismo da Vizinha Faladeira na Praça do Santo Cristo, Madrinha da União da Ilha do Governador], 2003 I [Vizinha Faladeira's baptism at Santo Cristo Square, União da Ilha do Governador Godmather], 2003

Vista das obras de Vizinha Faladeira e Sônia Gomes

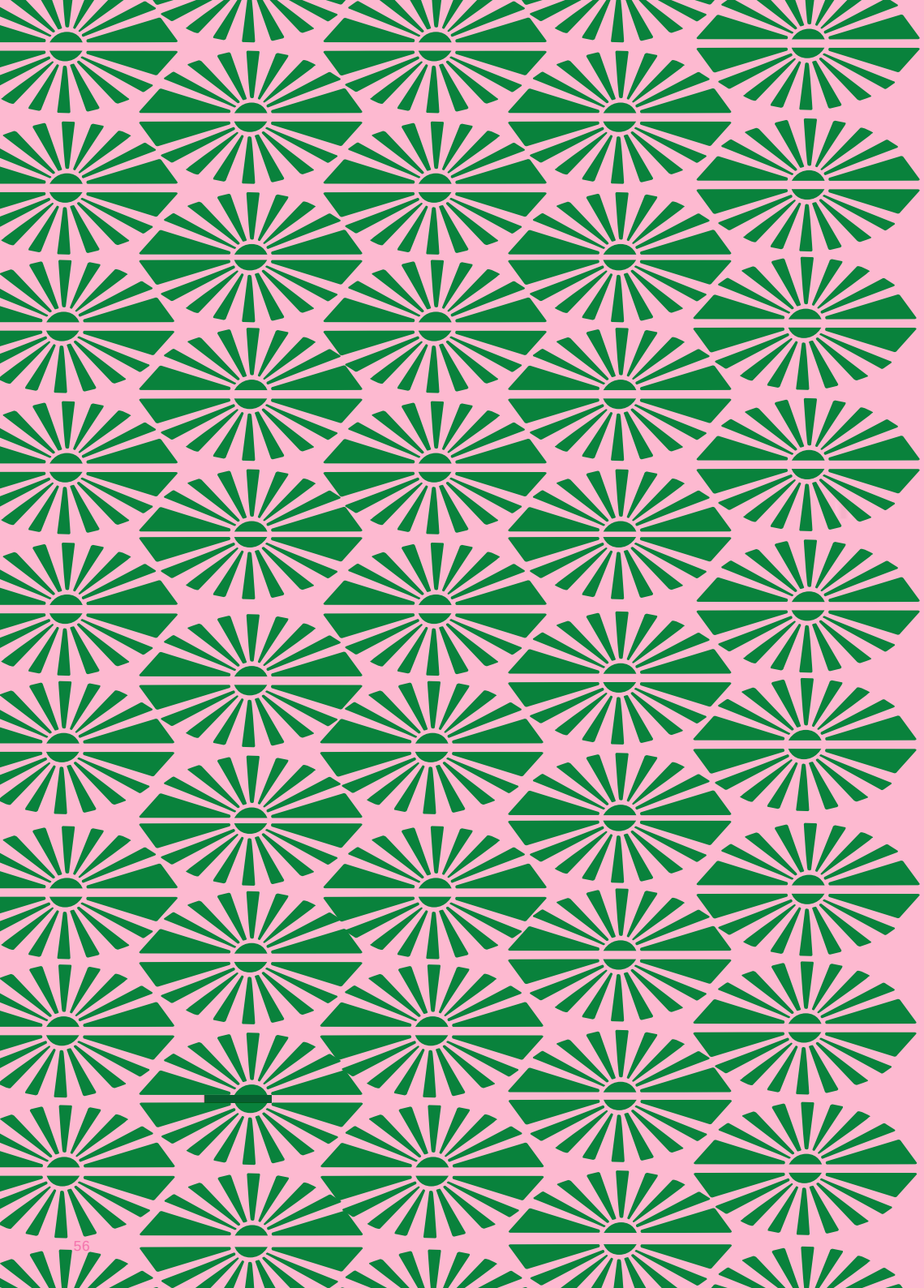
TRABALHADORES INFORMAIS

“Extra! Extra!”, apregoavam os pequenos jornaleiros pelas ruas do Rio de Janeiro no início do século XX. Colaboradores eficientes e anônimos da imprensa diária, eles levavam os jornais debaixo do braço e gritavam as últimas manchetes na tentativa de vender mais exemplares. Em sua maioria, eram menores desamparados com pouca condição financeira, tal qual relatava a música de Heitor dos Prazeres: “Olha a noite / Eu sou um pobre jornaleiro / Que não tenho paradeiro / Ai, ninguém tem vida assim”. Até hoje, o comércio informal de rua encontra nos pregões uma forma de seduzir a clientela e instituir marcas próprias. Slogans criativos, versos declamados, jingles personalizados e narrativas cheias de entonação fazem parte do repertório dos ambulantes que ganham a vida vendendo toda a sorte de itens nas ruas e no transporte público, entre vassoureiros, doceiros, sorveteiros e artesãos. Quem não se lembra do inconfundível carro do ovo conformando a paisagem sonora da cidade? Ou do vendedor de pamonhas que, no meio da tarde, anuncia: “Olha a pamoooooonha!”.

Vista das obras de Guilherme Kid

Baleiro, jornaleiro, motorneiro
Condutor e passageiro
Prestamista e vigarista
E o bonde que parece
uma carroça
Coisa nossa, muito nossa

“São Coisas Nossas”,
Noel Rosa



FEIRAS

FEIRA DE SÃO CRISTÓVÃO

Nos anos 1940, dezenas de retirantes nordestinos chegavam ao Campo de São Cristóvão, na zona norte do Rio, fugindo das secas e vindo trabalhar na construção civil. A chegada, marcada por reencontros com parentes e conterrâneos que aqui já estavam, era celebrada em festa, com muita música e comida. Tal ritual acabou dando origem à Feira de São Cristóvão. Até hoje, a feira é um marco da ocupação nordestina na cidade, caracterizada pelas noites regadas a forró, baião e xote, além dos karaokês, quitutes e itens dos mais variados. Ao chegar, uma estátua em tamanho natural de Luiz Gonzaga, “O Rei do Baião”, nos dá as boas-vindas.

Vista das obras de Marcos Cardoso

Ana Denise
Tonho dos queijos, 2015

Ele disse que na feira
Pelo preço de um bujão
Eu comprava a geladeira
As panelas e o fogão
Tudo isso tu encontra
Numa rua logo ali
É molinho de achar
É lá na feira de Acari

“Feira de Acari”,
DJ Pirata e DJ Marlboro

MERCADÃO DE MADUREIRA

Temperos, ervas, itens afrodisíacos e religiosos, doces, brinquedos, bebidas, acessórios de toda ordem – tudo e mais um pouco se encontra por lá. Com mais de 100 anos de história, o mercadão popular de Madureira começou como uma pequena feira agrícola em 1914, onde hoje se localiza a quadra da Escola de Samba Império Serrano. Já em 1929, ele se tornaria o maior centro de distribuição de alimentos do subúrbio, mas só veio a ser transferido para seu endereço atual em 1959, quando o presidente Juscelino Kubitschek promoveu obras de infraestrutura, reconhecendo-o como símbolo do comércio da cidade. Em 2000, um incêndio destruiu suas dependências por completo, gerando novas reformas. Hoje, o mercado atrai cerca de 80 mil pessoas por dia, sendo um importante polo de afirmação social e cultural.

Vistas das obras de Ana Stewart, Daniela Dacorso, Alexandre Savino e Guilherme Kid

FESTA DE SÃO JORGE

O padroeiro da cidade do Rio de Janeiro é São Sebastião, festejado no dia 20 de janeiro. A festa de santo mais popular, todavia, é a de São Jorge, no dia 23 de abril. A presença de São Jorge nos subúrbios, especialmente em seu perfil de guerreiro que vence as dificuldades, os sufocos e as demandas, é extremamente forte, caracterizando-se, em especial, pelo cruzamento que, na umbanda, amálgama santos católicos a orixás africanos com características percebidas, no imaginário popular, como similares. A principal igreja dedicada ao cavaleiro na cidade do Rio de Janeiro fica no bairro de Quintino Bocaiúva, na Rua Clarimundo de Melo, a mais movimentada da região. A festa do santo, precedida por uma alvorada anunciada por clarins militares e queima de fogos, é marcada pela fascinante mistura entre o sagrado e o profano. A missa, as quermesses, as rodas de samba, os leilões de prendas, o pagamento de promessas, o mar de gente trajando o vermelho e o branco – as cores do manto do santo, utilizadas nas giras de umbanda pelos devotos de Ogum – fazem do festejo a mais popular celebração religiosa carioca do século XXI. A força que a festa de São Jorge tem hoje encontra similar com o que representou para o Rio de Janeiro, em outros tempos, a Festa da Penha.

Luiz Antonio Simas

Thales Leite
São Jorge e o devir [Saint George and the becoming], 2007

Eu sou descendente Zulu
Sou um soldado de Ogum
Devoto dessa imensa
legião de Jorge
Eu sincretizado na fé
Sou carregado de axé
E protegido por um
cavaleiro nobre
Sim, vou na igreja festejar
meu protetor
E agradecer por eu ser
mais um vencedor
Nas lutas, nas batalhas
Sim, vou no terreiro pra
bater o meu tambor
Bato cabeça firmo ponto
sim senhor

**"Ogum", Claudemir da Silva
e Marcos de Souza Nunes**

Vista das obras de Márcia Falcão, Gabriella Marinho e Okun

SÃO SEBASTIÃO

São Sebastião é o padroeiro do Rio de Janeiro. Um padroeiro que ressalta, em larga medida, as incongruências, as potências e os desafios da cidade. Ele, afinal, participa da vitória dos portugueses sobre os índios tupinambás, aliados dos franceses, que habitavam a macaia carioca. Reza a tradição que o santo foi visto de espada na mão, ao lado da turma de Estácio de Sá, lutando na Guanabara. (...) Mas como o Rio de Janeiro não é mesmo para principiantes, o negro centro-africano, banto, chegou um dia às nossas praias e conseguiu, mesmo sendo brutalmente escravizado, impor sua cultura – potente, transformadora e transformada – em contato com o caldo cultural das ruas cariocas. A partir do século XIX, chegaram os iorubás. Resumo da ópera: o mesmo São Sebastião que combateu os índios acabou sincretizado nas macumbas cariocas com o inquice Mutalambô e o orixá Oxóssi, deuses caçadores das florestas africanas que viraram protetores dos caboclos do Brasil. Oxóssi e Mutalambô são donos da flecha. Sebastião sofreu o suplício sendo flechado. Dia de São Sebastião é dia de as umbandas e os omolokôs cariocas celebrare os caboclos de Oxóssi. É dia de Seu Tupinambá baixar na guma, com seu grito de índio que não enverga. Sebastião é santo padroeiro porque abençoou a vitória portuguesa contra os índios. Sebastião virou Oxóssi por obra, subversão e graça da nossa gente, nas esquinas cariocas. Os caboclos baixarão nos nossos terreiros. Tupinambá trabalhará com o seu cocar de bugre velho curador.

Luiz Antonio Simas

Naquela estrada de areia
Aonde a lua clareou
Todos caboclos pararam
Para ver a procissão
De São Sebastião.

Ponto de Caboclo

Vista da obra de Mulambo

Vista da vitrine de santos

Efrain Almeida
Sem título, sem data [Untitled, undated]

POVO DA RUA

Seu Zé Pelintra, malandro encantado dos terreiros, biroscas e vielas da cidade, dizia que o malandro é aquele que usa sapato para continuar andando descalço. O segredo do povo da rua, afinal, é o de se equilibrar porque ginga e o de transgredir porque se adequa. Quem somos nós? Quem são eles? Sambistas, malandros, damas da noite, arruaceiros, artistas, cartomantes, ébrios amantes, capoeiras, mandingueiros, Pombajiras, biriteiros, jogadores de baralho, bambas da sinuca, trabalhadores das madrugadas: personagens protagonistas das crônicas que acontecem nos escaninhos da cidade que não dorme. Protegidos por uma legião de Exus, malabaristas nas frestas dos infortúnios, corpos encantados nas esquinas em que os pecados morrem e a vida gargalha, aqueles que praticam cotidianamente as encruzilhadas desconfiam dos caminhos retos.

Luiz Antônio Simas

MADAME SATÃ

(Pernambuco, 1900 - Rio de Janeiro, 1976)

De dia, camisa de seda, sapato de salto e chapéu panamá. De noite, fantasias exuberantes de lantejoula. João Francisco dos Santos, a Madame Satã, uma das figuras mais emblemáticas da noite carioca, era a um só tempo um malandro bom de briga e uma drag queen performática de notável talento artístico. Vindo para o Rio de Janeiro ainda pequeno, fugido de Pernambuco, ele foi ajudante de pensões em troca de moradia, atuou como garçom e segurança de bordel, e se encantou com a vida artística da Lapa, protegendo prostitutas, gays e moleques de rua de todo tipo de encrenca. Ainda no final dos anos 1920, começou a se apresentar em shows na Praça Tiradentes com sua típica saia vermelha. O título de Madame Satã, por sua vez, foi cunhado apenas no Carnaval de 1938, quando João foi premiado com a melhor fantasia no baile de Carnaval do Teatro República. Um policial associou a fantasia ao filme *Madam Satan*, de Cecil B. DeMille e, apesar do contragosto inicial, foi incorporado até o fim de sua vida.

Rafael Bqueer
Madame Satã, da série
UóHol [UóHol series], 2019

ZÉ PILINTRA: JUREMEIRO DO CATIMBÓ E MALANDRO CARIOCA

Seu Zé Pelintra é mestre de jurema curador no Nordeste. Saiu da Paraíba, passou por Alagoas (“O Zé quando vem de Alagoas / Toma cuidado com o balanço da canoa”), chegou ao Rio de Janeiro e teve seu culto incorporado pela linha da malandragem na umbanda. Há quem diga que ele, nordestino, foi morar na Lapa. Virou malandro e teria morrido numa briga no Morro de Santa Teresa. O encantado nordestino é egum carioca. São essas as belezas das culturas que circulam de forma dinâmica por aí, se redefinindo potentemente. O malandro, afinal, é um personagem que transita, cruza e se adapta. O que fica para nós como aprendizado é que a escrita da malandragem deve ser lida em viés, nos cruzos e frestas. Afinal, os versos já dizem, o malandro pode fazer morada tanto no Juremá, quanto no casebre erguido no alto do morro. A máxima da malandragem é a ginga sincopada, onde se coloca um pé, se tira o outro, troca-se a mão pelo pé e o pé pela mão.

Luiz Antônio Simas
Extraído do livro **Fogo no Mato**

Vista das obras de Rosemar Aquino Lopes, Rosangela Aquino Lopes e Rubens Aquino Lopes [Ardal comércio de artigos religiosos]

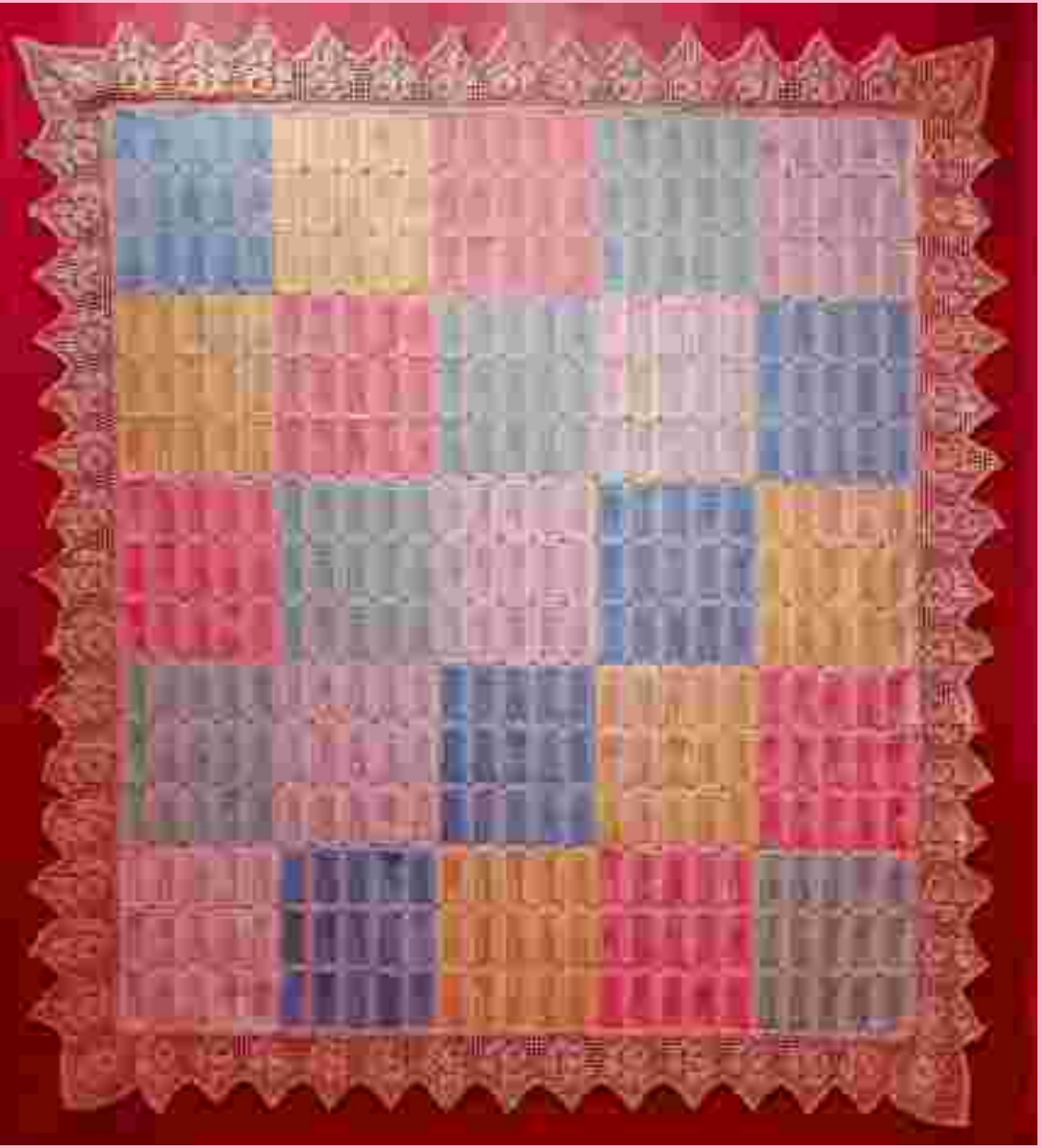
JOGO DO BICHO

Nos tempos da monarquia, o Barão de Drummond, eminência política do império e amigo da família real, fundou e era proprietário do Jardim Zoológico do Rio de Janeiro – que então funcionava em Vila Isabel. A manutenção da bicharada era feita com uma generosa subvenção mensal do governo, suficiente, diziam as línguas ferinas dos inimigos do barão, para alimentar toda a fauna amazônica por pelo menos dez anos. Quando a República foi proclamada, o velho barão perdeu o prestígio que tinha. Perdeu, também, a mamata que lhe permitia, segundo o peculiar humor carioca, alimentar o elefante com caviar, dar champanhe francesa ao macaco e contratar manicure para o pavão. Sem o auxílio do governo, o nosso barão cogitou, em protesto, soltar os bichos na Rua do Ouvidor – o que, admitamos, seria espetacular – e fechar em definitivo o zoológico do Rio. Foi aí que um mexicano, Manuel Ismael Zevada, que morava no Rio e era fã do zoológico, sugeriu a criação de uma loteria que permitisse a manutenção do estabelecimento. O barão ficou entusiasmado com a ideia. O frequentador que comprasse ingresso de mil réis ganharia 20 mil réis se o animal desenhado no bilhete de entrada fosse o mesmo que seria exibido em um quadro horas depois. O barão mandou pintar 25 animais. A cada dia, um quadro subia com a imagem de um bicho. Se bobear, essa foi a ideia mais bem-sucedida da história do Brasil. Multidões iam ao zoo com a finalidade de comprar os ingressos e aguardar o sorteio do fim de tarde. Em pouco tempo, o jogo do bicho tornou-se um hábito da cidade.

Luiz Antônio Simas

Meu chapéu de lado,
tamanco arrastando
Lenço no pescoço,
navalha no bolso
Eu passo gingando,
provoco e desafio
Eu tenho orgulho
de ser tão vadio.

“Lenço no Pescoço”,
de Wilson Batista



Lucas Assumpção
Colcha de retalhos [Patchwork quilt], 2021

Vista das obras de Marina da Silva

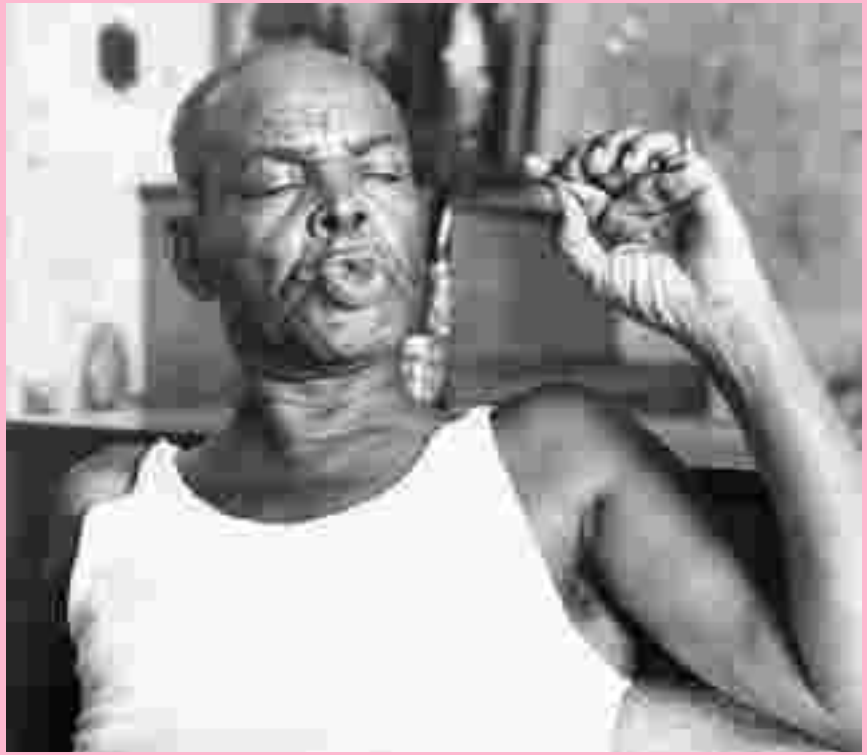
(...)
Dois é a águia que
tem o bico revirado
Três é o burro, pelo
homem domesticado
Quatro é a borboleta
ue na selva foi criada
Cinco é o cachorro,
pelo homem estimado
Seis é a cabra que
em seu leite apreciado
Sete é o carneiro que
tem o choro antecipado
Oito é o camelo que tem
seu lombo encalumado
Nove é a cobra, um
bicho amaldiçoado
Dez é o coelho que
é um bicho desconfiado

"Subúrbio (Poema suburbano)",
Bobobó e Luiz Peixoto

NATAL DA PORTELA

(Queluz, 1905 – Rio de Janeiro, 1975)

Natalino José do Nascimento, o seu Natal da Portela, nasceu no interior paulista e, ainda criança, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde engajou-se fortemente com a escola de samba da Portela, fundada na casa de seu pai. Embora não fosse sambista, Portela tornou-se "bicheiro" e passou a patrocinar sua escola do coração, inaugurando tal tradição de patronato na cidade. Um acidente na Central do Brasil, onde trabalhava, o levou a amputar o braço direito, o que lhe rendeu uma música composta por João Nogueira em sua homenagem: "Com um braço só / Eu comando na avenida / A minha Portela querida / E que me quer tanto bem". A Portela de Natal conquistou um tetracampeonato, entre 1956 e 1960, o que lhe legou respeito e admiração da comunidade.



Sergio Werneck
Natal da Portela, 1973

Eu fui fazer um samba
em homenagem
À nata da malandragem
Que conheço de outros
carnavais
Eu fui à Lapa e perdi
a viagem
Que aquela tal
malandragem
Não existe mais

"Homenagem ao Malandro",
Chico Buarque

Vista da obra de Jade Maria Zimbra

XICA MARIA, TEU AMOR PARA MIM NÃO É FANTASIA é um monumento de amor a Xica Manicongo e às Marias que encaminham os sentidos do afeto.
É a celebração da possibilidade de perceber esse amor como uma sabedoria que é acessada na destruição criadora do aprofundamento.
Uma firmeza que se alcança na solidificação de estados eruptivos.
Rocha magmática após ser rio de lava.
O ferro transmutado depois de ter sido beijado pelo fogo.
Esse trabalho surge a partir da pesquisa de Antídotos e Cosmogonias Travestis. Atravessando encontros entre pessoas e entidades desse e de outros tempos, fui convidada a desenhar, sugestionada pela iconografia dos tarots, dos veves haitianos e das ferramentas de santo dos cultos amefricanos.
Resultando, por fim, no reencontro com meu tão querido tio Ozeias, um dos ferreiros da família de meu pai, que materializou a peça com sua alma de profeta. Ele me lembrou que as raízes não alcançam nossos olhos, mas isso não pode nos impedir de acreditar na estabilidade da árvore ou duvidar do sabor de seus frutos.
Nessas tranças de narrativas mítico-subjetivas, vi nascer a híbrida Xica Maria, protetora das bruxas mal-amadas, que adentrou o inferno e o céu para que pudesse ser chamada como desejava, evocando assim o clamor para aquelas que destravam batalhas afetivas em territórios envenenados.
Quando me ouviu, me fez cantar pra ela:
quem ama como a forja,
com fé é amada.
Quem ama firme como o ferro,
no amor é forjada.
Pra matar o inquisidor
é preciso força e magia
e o teu amor, Xica Maria,
para mim não é fantasia.

Jade Maria Zimbra, set/2021.

CULTURA CIGANA

É incomensurável – e pouco conhecida – a relevância dos ciganos na nossa história, desde o período colonial, quando ciganos do grupo Calon fugiram de Portugal para escapar da inquisição e chegaram ao Maranhão. No Rio de Janeiro, os ciganos se estabeleceram entre o Campo de Santana, o Valongo e o Campo dos Ciganos (atual Praça Tiradentes). Atuavam no mercado de escravos, liam a sina nas linhas das mãos, eram ferreiros, latoeiros e ourives, comercializavam cavalos e atuavam também como oficiais de justiça, os chamados “meirinhos”. Foram estigmatizados como supersticiosos, ladrões de crianças, golpistas e ladravazes. Ao mesmo tempo, povoam o nosso imaginário como amantes da liberdade, místicos, sabedores dos segredos da magia. Enquanto diversos povos reivindicam o pertencimento à terra como elemento constituidor da identidade, os ciganos reivindicam o contrário: a liberdade de saber que o território cigano é uma barraca velha que pode ser armada em qualquer lugar. O país do cigano é o seu corpo.

Luiz Antônio Simas

Sorriu para mim
uma cigana formosa
Tão bonita e tão dengosa
que em sua mão, traz uma rosa

Cantiga Cigana

Vista das obras de André Vargas

POMBAGIRAS

Zé Pelintra é a figura icônica do malandro nos terreiros do Brasil. Já a figura feminina que ocupa um lugar de protagonismo nas rodas da malandragem e nas giras dos Exus é a Pombagira. Se o Zé é o catimbozeiro que se fez malandro nas curimbas cariocas, quem são as moças formosas – maneira pela qual as Pombagiras são conhecidas nas umbandas? Há que se raspar o fundo do tacho para, palidamente, acariciar os saberes que podem nos levar a elas. Do ponto de vista da etimologia, a palavra *pombagira* certamente deriva dos cultos angolo-congoleses aos inquices. Uma das manifestações do poder das ruas nas culturas centro-africanas é o inquice Bombojiro, ou Bombojira, que para muitos estudiosos dos cultos bantos é o lado feminino de Aluvaiá, Mavambo, o dono das encruzilhadas, similar ao Exu iorubá e ao vodum Elegbara do povo fon. Em quimbundo, *pambu-a-njila* é a expressão que designa o cruzamento dos caminhos, as encruzilhadas.

Luiz Antônio Simas

Vista das obras de Mulambo, Rosemar Aquino Lopes, Rosangela Aquino Lopes, Rubens Aquino Lopes
[Ardal comércio de artigos religiosos] e artista desconhecido

CIDADE PARTIDA

O gênero da crônica acompanhou intimamente as transformações ocorridas no Rio de Janeiro do final do século XIX e início do XX. Nesse entremeio, Machado de Assis e Lima Barreto figuram como os dois grandes escritores que retrataram um Rio que se modernizava mergulhado em contradições. Escritas no calor dos acontecimentos, tais crônicas nos ensinam, porém, que o cosmopolitismo carioca, à moda parisiense e endossado pelas elites burguesas de padrão escravocrata e colonial, ergueu-se às custas de segregação, exclusão e apagamento. Apesar de distantes no tempo, porém, tais produções seguem refletindo determinadas estruturas sociais ainda hoje. O glamour da Avenida Central e da Rua do Ouvidor deslocou-se para as geografias de Leblon e de Ipanema, reforçando aspectos de uma cidade partida e desigual.

MOBILIDADE URBANA

O que TREM pra hoje

Acordei de manhã cedo
Nem tomei café direito
Pão com “EPA” era o que tinha
Mas dei logo o meu jeito
Dei calote na estação
Só tinha um guardinha
Ele finge que nem viu
Já tá ligado na minha
Como sempre de costume
Fui no último vagão
Travei a porta com amigos
E o baralho na mão
O tio da igreja
Puxou uma oração
E depois das músicas
Virou culto no vagão
Pedi pra orar por mim
E para o trem não quebrar
Se eu chegasse atrasado
Meu patrão ia me matar
Lá no meio da partida
Quando eu tava quase ganhando
O trem parou no caminho
Tive que sair andando
Deu polícia em toda parte
Olha só o que aconteceu
Reviraram a minha marmita
E meu bife apodreceu
Mas depois de tudo aquilo
Cheguei no trabalho inteiro
Meu patrão me deu esporro
E ficou com o meu dinheiro
Voltei pra casa boladão
Pensando “como é que pode”
Depois esqueci de tudo
Voltei no vagão do pagode

Jessé Andarilha

Vista da obra de Allan Pinheiro

Evandro Teixeira
Ônibus em inundação no Jardim Botânico
[Bus in flood at Jardim Botanico], 1988

O suburbano quando
chega atrasado
O patrão mal-humorado
Diz que mora logo ali
Mas é porque não anda
nesse trem lotado
Com o peito amargurado
Baldeando por aí
Imagine quem vem
lá de Japeri
Imagine quem vem
lá de Japeri

“Destino D. Pedro II”,
Guará

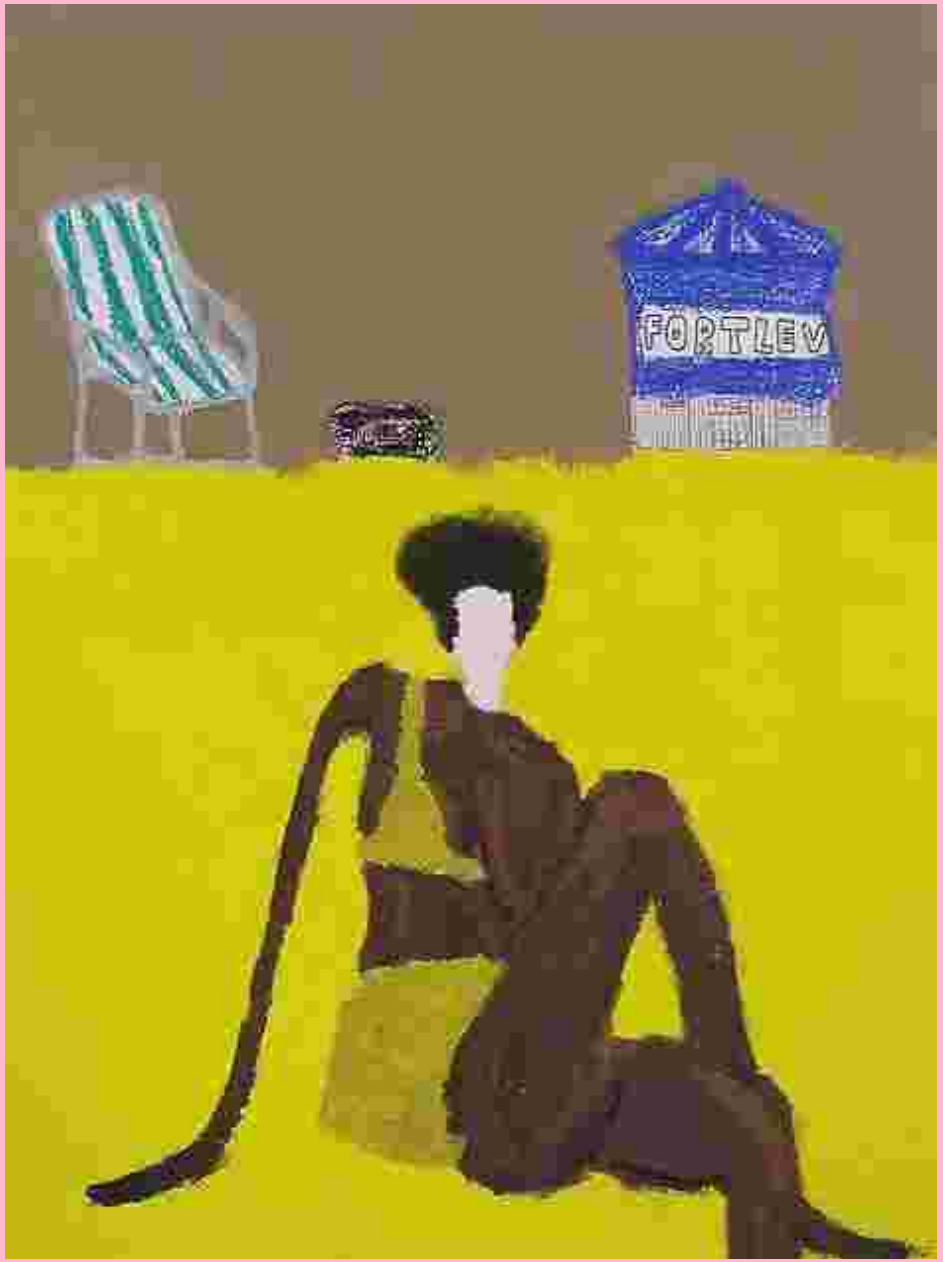
MUSAS E CRÔNICAS

Atrizes, cantoras, misses ou personagens advindas do cotidiano da cidade. A coluna social, um dos gêneros lidos como crônica da cidade, se organizou em complexa relação de classe, elegendo as mais elegantes. A música popular logo estranhou, em versos de Dolores Duran, que diziam que o samba estava "diferente", "champanhe em vez de cachaça", "bebida servida em taça". A cidade, com isso, antes nos jornais impressos, hoje disfarçada nas redes sociais, estampa uma complexa e dissimulada "democracia". Festas com celebridades e personagens populares, quase sempre pautadas pela zona sul. Contudo, um dado surrealista sempre acompanhou tal "lacração": as mídias, principalmente a TV, faziam com que o povo confundisse sujeito e personagem. Nas bancas de jornal, as mesmas celebridades ganhavam outros nomes, figurando como vilãs, sedutoras, mocinhas ou inescrupulosas. Ainda assim, um dos charmes da cidade, a tal "nonchalance", é a cultura da indiferença. Fingir que não conhece os famosos ou exigir a garota da laje em substituição à garota de Ipanema.

Bispo do Rosário
Miss Brasil, sem data [Miss Brazil, no date],
Miss Amazônia, sem data [Miss Amazon, no date],
Miss Cuba, sem data [no date]

CULTURA DA PRAIA

Na virada do século XIX para o XX, só se ia à praia por razões medicinais. As estâncias termais eram recomendadas para combater doenças como melancolia, ansiedade, histeria e até “delicadeza excessiva”. É só a partir dos anos 1920 que as praias começam a encher no Brasil, já exploradas como espaços de lazer e diversão. O acesso a essas localidades, no entanto, sempre foi acompanhado por tensões socioculturais e exercícios de moralização que põem em xeque o mito de que se trata de um espaço democrático por excelência. Ainda em 1917, regulava-se o tamanho dos maiôs e o horário permitido para tomar banho. Hoje, com as devidas diferenças, não é raro ouvir notícias de “choques de ordem”, que buscam garantir certa segregação social na areia. E, independentemente da ação dos agentes policiais, a praia reflete divisões de raça e classe, manifestas na mobilidade urbana comprometida, nas revistas nos ônibus que vêm da zona norte, por exemplo.



Carla Santana
Torando, 2020

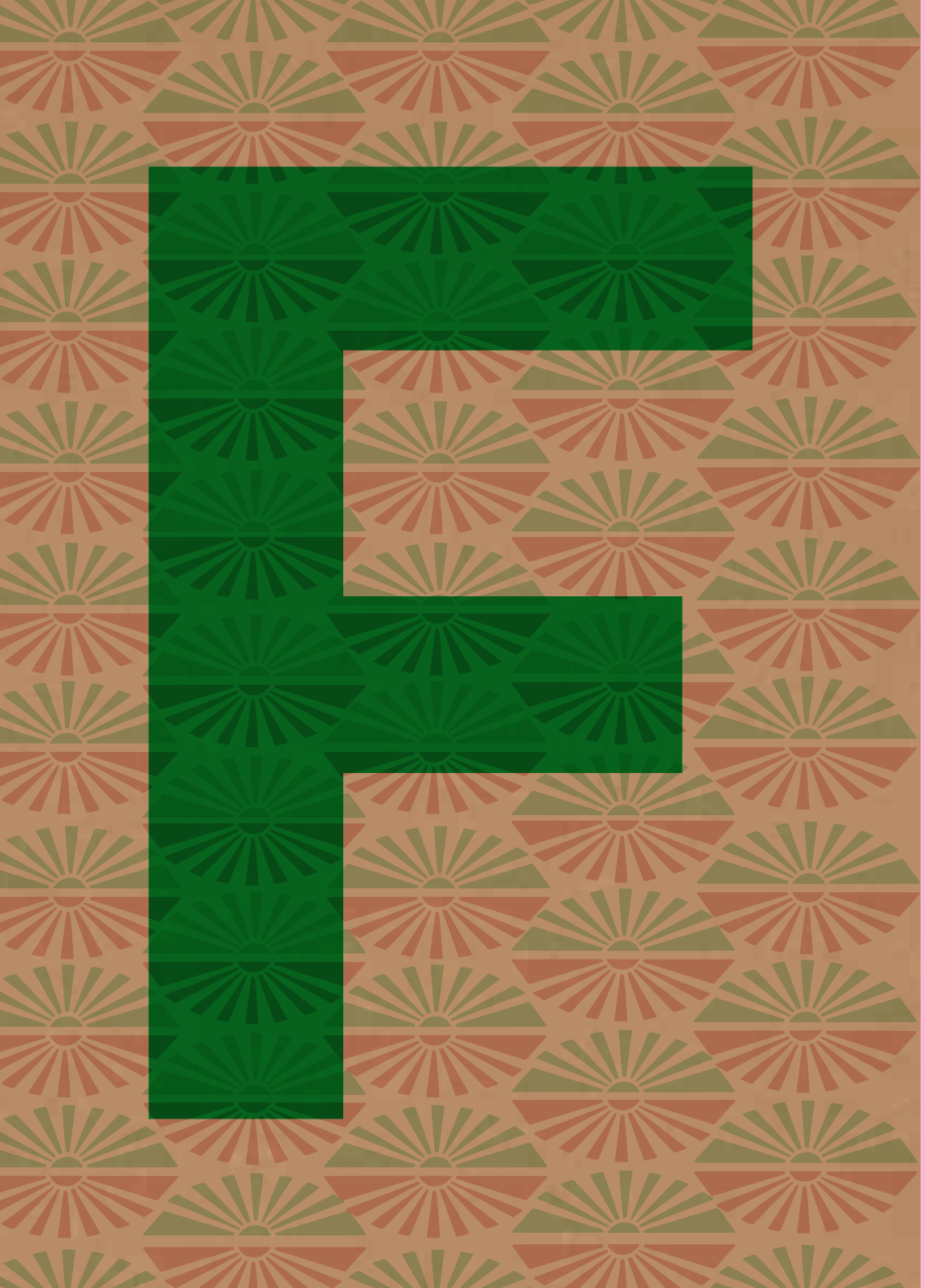
Vista das obras de Wilton Montenegro

VIOLÊNCIA

CRÔNICA POLICIAL

A violência no Rio está mais para uns do que para outros, sobretudo de acordo com a classe, a raça e o gênero. A depender do endereço, a vulnerabilidade é maior. Morte por bala perdida, assalto à mão armada e violência doméstica são manchetes estampadas diariamente nos jornais. São violentas também as consequências da desigualdade: a fome, a falta de moradia, os subempregos. Como na canção de Planet Hemp: “Rio, cidade-desespero / A vida é boa, mas só vive quem não tem medo / Olho aberto malandragem não tem dó / Rio de Janeiro, cidade hardcore”.

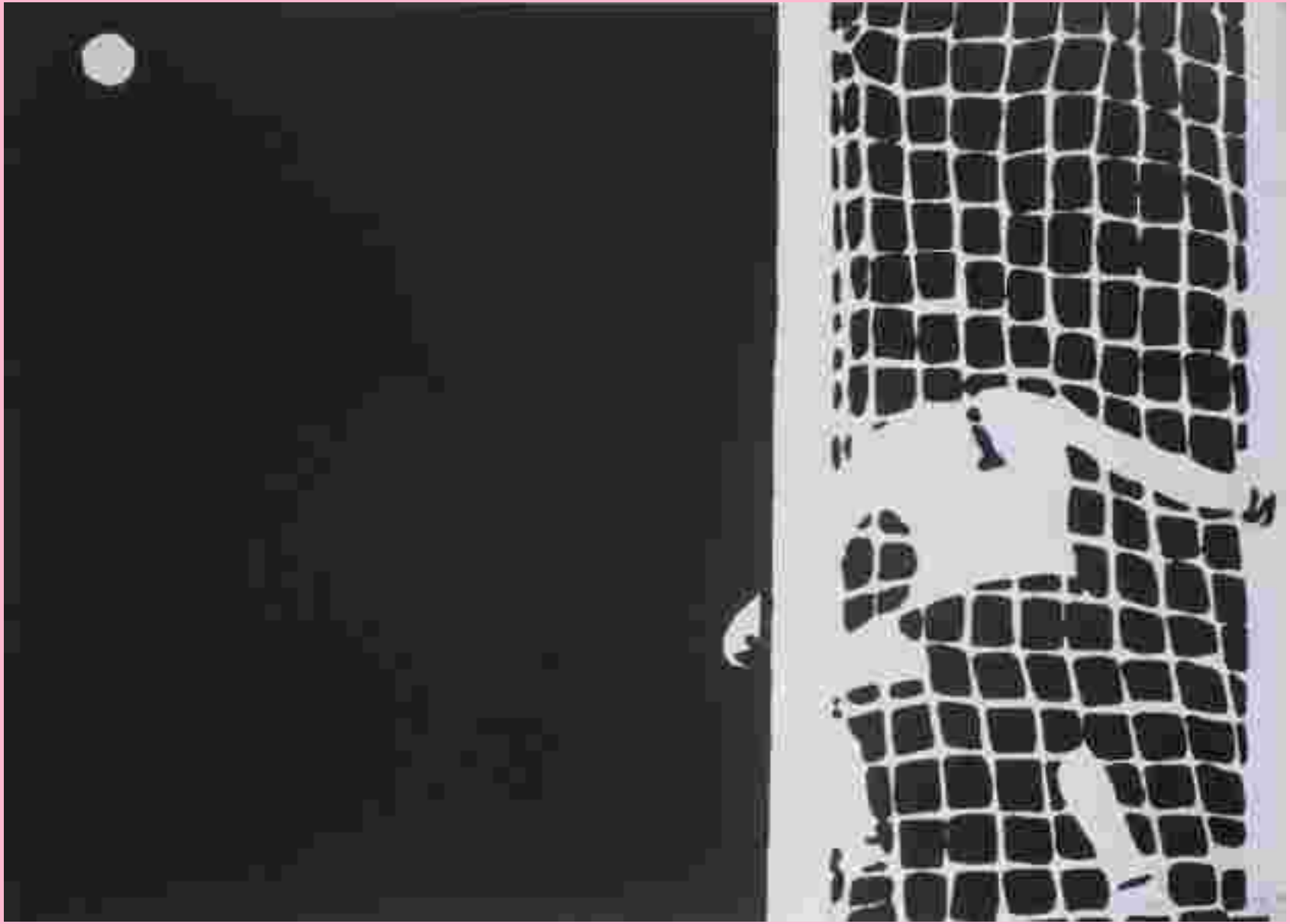
Vista das obras de Alexandre Vogler, Lucas Araújo, Fidelis, Bispo do Rosário, Luiz Baltar e Taísa Vitória



FUTEBOL

O futebol se espalhou no Brasil com notável rapidez e se impôs como um elemento catalisador das paixões brasileiras. O jogo se consolidou, ao longo do século XX, como elemento protagonista na produção de certo imaginário da brasilidade. Nesse sentido, o futebol representou para o imaginário de um Brasil possível, no campo do esporte, algo bastante parecido com aquilo que a umbanda representou no terreno dos ritos religiosos. A popularização e o abrasileiramento do esporte inglês e a formação da umbanda ocorrem no mesmo contexto: o das primeiras décadas do século XX. O futebol e a umbanda se encontram na encruzilhada em que o brasileiro, nas frestas de um sistema excludente, apropriou-se do jogo britânico e do kardecismo francês para construir seus modos de jogar bola e conversar com os mortos. (...) O gramado/terreiro em que só dançavam na gira do jogo os jovens das elites e os trabalhadores europeus residentes no Brasil começava também a ser ocupado pelos descendentes de escravizados e de índios, pelos subalternizados no violento processo de formação do país e por quem mais resolvesse baixar na gira. Quando o Brasil ganhou a Copa do Mundo de 1958, o rei da Suécia cumprimentou todos os jogadores brasileiros. Entre eles Pelé, um descendente de bantos escravizados, e Mané Garrincha, um índio fulni-ô. O gramado, afinal de contas, também é uma das sete encruzilhadas percorridas pelo caboclo macumbeiro, aquele que nunca encontra caminhos fechados e lança suas flechas por pernas tortas, capazes de curvar monarcas e alargar o mundo.

Luiz Antonio Simas



Ana Vitória Mussi
Entrave, da série Barreiras
[Impediment, from the series Wall], 1972

ORGULHO NEGRO

O amor-próprio é uma conquista que atravessa preconceitos e se estrutura para além dos dados de uma sociedade que, mesmo com mais da metade da população negra, mantém bases racistas. Monica Ventura, em recente trabalho, cita a frase de Juliana Borges: “Uma mulher negra feliz é um ato revolucionário”. Assim, a conquista pelo protagonismo nos meios de comunicação nunca refletiu a racialidade da sociedade carioca. Hoje, artistas afrodescendentes exigem a assunção da alegria, o consumo de marcas de grife e narrativas marcadas pela diversidade na identificação de hábitos comuns e frugais em busca do bem viver. “Um sorriso negro traz felicidade”, afirmou a nobreza do samba, Dona Ivone Lara, cujos versos são entoados em forma de oração nas missas das irmandades negras.

ORGULHO LGBTQIA+

GLS, LGBT, LGBTI, LGBTQIA+. Ao longo das últimas décadas, as siglas utilizadas para designar as diversidades sexuais e de gênero transformaram-se significativamente, buscando atender a demandas de comunidades tão singulares quanto diversas, compostas de lésbicas, gays, bissexuais, trans, queers, intersexos, assexuados e demais categorias que as próprias letras não descrevem (aqui representadas pelo sinal de +). Apesar de cada uma delas terem reivindicações próprias, o orgulho LGBTQIA+ é um importante movimento de afirmação da existência e da vitalidade de corpos e subjetividades que resistem à normatização de seus desejos, além de pressionar os poderes políticos a produzir mais visibilidade para suas causas, buscando reconhecer os direitos e benefícios igualitários dos indivíduos LGBTQIA+ no Brasil e no mundo.

TRAVESTIS E A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

O final dos anos 1960 marca, no Brasil, o início da ocupação do espaço público por travestis. Momento em que se tornam conhecidas e acessíveis algumas das mais importantes tecnologias de transformação corporal, como por exemplo o silicone e os hormônios sintéticos, esse é também o momento em que travestis entram para o imaginário das nossas grandes cidades. Pela prostituição, na maior parte dos casos, mas teatro e Carnaval certamente contribuíram. Em matéria de 5/12/1969 publicada em O Jornal (RJ), nos é dito que "na maioria das vezes, a identificação [da travesti] torna-se muito difícil, tamanha a perfeição com que se disfarçam de mulher". E a identificação era importante, pois, apesar de a prostituição cisgênera ser considerada "um mal necessário", a de travestis não gozava da mesma consideração, permitindo que a Contravenção Penal da Vadiagem (art. 59 do Decreto-Lei 3.688/41) fosse aplicada para prender tais sujeitas.

Amaira Moira

Guilhermina Augusti
Anúncio futuro [Future Announcement], 2019

“Prazer, sou mulher negra trans”

a melancolia toma conta do meu corpo
que percebo que nunca foi meu
fica mais claro
depois de cada uso e abuso
que foi aos homens
que ele sempre pertenceu

eu não sou nada
pra eles não valho nada
e eles sempre desvalorizam
quem satisfaz os seus desejos
jogam pedra na Geni
dizem que ela boa pra apanhar
e fazem o mesmo comigo
pois da Geni eu sou o espelho

a minha autoestima desceu
para o estacionamento subterrâneo
e se perdeu
agora é apenas a imagem distorcida
do meu reflexo e eu
as pessoas dizem que sou bonita
mas não é essa a imagem
que vejo no espelho refletida

a minha esperança morre a cada dia
já não sei mais se terei uma família
não penso mais em se um dia terei uma filha
e se você não está entendendo
o que eu quero te falar
deixe, que agora irei me apresentar

eu sou a que está nos lençóis
de um quarto de motel
nas noites de terças-feiras frias
mas nunca
a que está no cinema do shopping
nos domingos cheios de alegrias
eu sou a que não serve pra ser amada
Muitas vezes
a que não merece nem ser beijada
eu sou sempre a que eles querem
se lambuzar na madrugada.
Prazer, sou mulher negra trans
e mais do que a própria Barbie
eu sou objetificada.

meu nome é VALENTINE
JAMAIS Valentina
se quiserem me encontrar
vão me achar no Museu de Arte do Rio
NUNCA numa esquina!
— Valentine

RIO ERÓTICO

No Rio, o elogio do corpo e seus prazeres está presente não apenas na cultura da praia, mas na ocupação do espaço público, na profusão de festas e celebrações e na reivindicação da sexualidade e do desejo enquanto instâncias vitais a serem experimentadas e performadas. Hoje apostamos em diferentes formas de produzir, circular e consumir imagens eróticas que vão além da fetichização mainstream. Se o terreno da sexualidade é um espaço constante de violência e normatividade, é preciso disputá-lo exercitando uma imaginação sexual mais diversa. Afinal, que mundos estão sendo criados pelos nossos desejos? Como desenhar uma subjetividade mais livre, mais singular?

Caroline Valansi
série Pornografia política
[series Political **pornography],**
2015

ZONA DO MANGUE E VILA MIMOSA

Quando a Reforma Pereira Passos, no início do século XX, empenhou-se em "higienizar" e modernizar a cidade do Rio de Janeiro, o poder público traçou medidas para afastar as meretrizes das pensões, hospedarias e casas de tolerância situadas na região central da cidade, buscando construir uma imagem alinhada à moral e aos "bons costumes". Expulsas de seus locais habituais de trabalho, elas foram realocadas na Cidade Nova, que ficaria conhecida como Zona do Mangue. A área já abrigava ex-escravizados, marinheiros, pequenos comerciantes e imigrantes de toda parte, incluindo um expressivo contingente de mulheres do Leste Europeu, as "polacas", como eram conhecidas, sem condições financeiras e que também se prostituíam como forma de sobrevivência. Ali, até os anos 1990, elas resistiram e negociaram com o controle policial, a repressão, os estigmas sociais e a baixa qualidade de vida, até serem transferidas para a Praça da Bandeira, em razão de inúmeras obras e demolições na região, inaugurando a Vila Mimosa.

Emiliano Di Cavalcanti
Mangue [Mangrove], 1930

CINES PORNÔS

Durante os anos 1960, a cidade do Rio de Janeiro chegou a possuir quase 200 cinemas de rua, embora hoje conte com menos de 15. Eram estabelecimentos que funcionavam como grandes centros de socialização, e contavam com uma estética própria. Com o tempo, caíram em decadência em função da TV, da internet, da especulação imobiliária, dos shoppings e dos serviços por assinatura. Muitos foram substituídos por igrejas. Outros, ao contrário, transformaram-se em cinemas pornográficos para sobreviver, alimentando um vasto imaginário com produções de todo tipo, de pornochanchada a Hollywood. É o caso do emblemático Cine Íris, inaugurado ainda em 1909 em estilo *art nouveau*, ou outros, como o Cine Rex e o Cinema Orly. Nesses espaços, a história da cidade adota uma outra perspectiva: a da negociação entre corpo e sexualidade, desejo e norma.

Vista da obra de Ana Alves

FESTAS

GAFIEIRA

"Vamos embora! Isto aqui é uma gafieira!", assim o cronista Jota Efegê descreveu a reação de Romeu Arede, mais conhecido como Picareta, ao chegar às portas do Elite Clube, no centro do Rio de Janeiro. O cronista, que havia sido expulso do local por infringir as regras de conduta, diria em sua coluna no Jornal do Brasil que "Aquele é um lugar da ralé, onde se cometem gafes em fieiras", sendo o responsável por cunhar o termo pejorativo do baile, rapidamente incorporado pela sociedade carioca. Pouco depois, o próprio clube se rebatizava de "Gafieira Elite Clube". As gafieiras, no entanto, já ocorriam desde o início do século XX, e refletiam um processo de ascensão social das camadas mais baixas da sociedade, que buscavam criar versões dos bailes dos brancos e construir seu próprio espaço de sociabilidade. A preocupação com a ascensão social revelava-se pelo extremo decoro e regras rígidas de conduta, que deveriam ser respeitadas por todos os frequentadores. O samba, dançado a dois e composto de um misto de influências que vão das orquestras americanas ao choro, rende até hoje uma dança elegante marcada pela malandragem do cavalheiro e pela sensualidade da dama, características essenciais desse estilo.

Fui a um baile no Elite,
atendendo a um convite
Do Manoel Garçom
(Meu Deus do Céu,
que baile bom!)
Que coisa bacana,
já do Campo de Santana
Ouvir o velho e bom som:
trombone, sax e pistom.
O traje era esporte que
o calor estava forte
Mas eu fui de jaquetão,
para causar boa impressão
Naquele tempo era o
requinte o linho S-120
E eu não gostava de blusão
(É uma questão de opinião!)
Passei pela portaria,
subi a velha escadaria
E penetrei no salão.
Quando dei de cara com
a Orquestra Tabajara
E o popular Jamelão,
cantando só samba-canção.

"Baile no Elite",
João Nogueira

Dançar como dança um black!
Amar como ama um black!
Andar como anda um black!
Usar sempre o cumprimento black!
Falar como fala um black!

“Mandamentos Black”,
Gerson King Combo

MERCEDES BAPTISTA

(Rio de Janeiro, 1921 – Idem, 2014)

Mercedes foi a primeira bailarina negra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e mudou os rumos da dança afro-brasileira do século XX. Em 1950, ingressou como bolsista na Dunham School of Dance em Nova York, o mais importante centro de pesquisa em dança afro-americano, onde passou a compreender mais claramente como suas raízes socioculturais poderiam ser a base para uma nova coreografia. Após retornar ao Brasil, criou o Ballet Folclórico Mercedes Baptista, em 1953, e transformou definitivamente a dança afro-brasileira, propondo um afastamento dos gêneros folclóricos e incutindo-lhe novas perspectivas criativas a partir da consciência histórica de suas origens.

FESTAS BLACK

Embaladas aos sons que exaltam a beleza e histórias da ancestralidade africana e afrodescendente, as festas black encenam parte da cultura carioca, trazendo consigo reconfigurações da auto estima negra através de estéticas capilares, vestimentas, estilos, posturas e diversos tons de melanina que habitam regiões clássicas da cidade que vão de madureira ao centro, trilhando suburbanidades e ultrapassando limites sociais quase invisíveis. Samba, pagode, charme, reggae, funk, toques de tambores nesse caldeirão afrocarioca. Viaduto de Madureira, Disco Voador, Renascença, Agbara Dudu, Sambola, Febarj, Portela, Império que foram grandes celeiros para a criação desse deleite de pertencimento e triunfo das raízes que permeiam cada detalhe presente na história do Rio de Janeiro.

BAILE DE MADUREIRA

“Chegou a hora do charminho, transe seu corpo bem devagarzinho.” Assim anunciava o Corello DJ antes de tocar seu set de músicas lentas e melódicas, responsáveis por esquentar o clima de paquera nos bailes black cariocas dos anos 1980, dando origem ao que conhecemos por Baile Charme. Depois, nos anos 1990, o viaduto de Madureira já seria considerado um dos pontos mais emblemáticos do gênero, promovendo o charme e o hip-hop como marcas registradas das noites de sábado. Composto majoritariamente de jovens e adultos negros, o baile de Madureira transformou-se em ícone de afirmação do subúrbio enquanto território de lazer e de prazer, a despeito de qualquer estigmatização. As coreografias ritmadas, de influência afro-americana, adquiriram singularidades locais e fazem do baile um espaço privilegiado de socialização, formação de comunidade, resistência e invenção suburbana.

CARNAVAL

O Carnaval, oficialmente marcado pelo calendário cristão, já foi interpretado como uma herança europeia, uma inversão nos hábitos do cotidiano. Porém, o ritmo que sustenta um dos momentos em que o Rio de Janeiro vira notícia internacional é o samba, de origem banto, africana. Luiz Antônio Simas reconhece, no toque de algumas baterias de escolas de samba, as mesmas bases dos toques de atabaque característicos de alguns orixás. A festa católica, então, se torna sincrética, constituindo um dos grandes momentos dramatúrgicos de difusão e divulgação de personagens negros, baianas, malandros, e toda sorte de fantasias. Na enciclopédia da festa pagã, passamos a conhecer princesas africanas, Chica da Silva, na Agotime. Pretos se tornam “barões retintos”, como nos versos de Aldir Blanc e João Bosco. A festa, de outro modo, produz sua própria nobreza com sambistas oriundos dos morros e favelas que constituem o ethos da folia.

Cantando e
sambando na lama
De sapato branco,
glorioso
Um grande artista
tem que dar
O que tem e o
que não tem

E o tal ditado,
como é?
Festa acabada,
músicos a pé
Músicos a pé,
músicos a pé
Músicos a pé

"Cantando no toró",
Chico Buarque

CIRCO

ARTISTAS DE RUAS, PALCOS E LONAS

O Rio é a cidade dos artistas. Dos malabaristas que pedem a atenção e um trocado de quem para no sinal, dos músicos no metrô, dos grafites coloridos nos muros da cidade, das estátuas vivas do Largo da Carioca que insistem em disputar o espaço público, fazendo da prática artística um espaço de exercício democrático por excelência, não sem contradições. Outros, por sua vez, passam o ano inteiro planejando o Carnaval e terminam sambando com os pés descalços, debaixo de sol ou de chuva. Eis uma cidade de palcos e lonas que lutam para sobreviver; uma cidade de artistas que nos proporcionam lazer, prazer, alívio e esperança de que dias melhores virão, apesar das catástrofes.

Fuso Coletivo
Malabares [Juggling], 2021

ESCOLA NACIONAL DE CIRCO

O circo, que encanta crianças e adultos com sua magia e mistério, reúne uma coletividade de diferentes modalidades artísticas: teatro, dança, malabares, equilibrismo, acrobatismo, palhaçaria etc. Essa coletividade foi tradicionalmente formada por famílias que se constituíam e se desenvolviam na itinerância em que a arte era passada de geração em geração, ou seja, antes de surgirem as escolas de arte circense, quem queria fazer parte da trupe tinha de “fugir com o circo”, como diz a lenda. A Escola Nacional do Circo, a primeira da América Latina, foi fundada em 1982 por Luís Carlos Olimecha, e já recebeu cerca de 2.500 alunos de todo o país e de diversas partes do mundo. A clássica lona, retirada da região da Praça da Bandeira em de 2020, deixou um grande vazio na paisagem da cidade.

Obras da Escola Nacional de Circo

Vista da obra de Brígida Baltar

Vista da obra de Brígida Baltar

FICHA TÉCNICA

Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI)
Organización de Estados Iberoamericanos (OEI)
Organization of Ibero-American States (OEI)

Museu de Arte do Rio
Museo de Arte de Río
Rio Art Museum

Mariano Jabonero
Secretário-Geral da OEI
Secretario General de OEI
General Secretary of OEI

Raphael Callou
Diretor e Chefe da Representação da OEI no Brasil
Director y Jefe de la Representación de la OEI en Brasil
Director and Head of the OEI Representation in Brazil

Sandra Sérgio
Diretora Executiva do MAR
Coordenadora de Projetos Especiais da OEI
Director Ejecutivo de MAR
Coordinadora de Proyectos Especiales de la OEI
Executive Director of the Museum of Art of Rio
OEI Special Projects Coordinator

Amira Lizarazo
Coordenadora Nacional de Administração e Finanças
Coordinadora Nacional de Administración y Finanzas
National Administration and Finance Coordinator

Rodrigo Rossi
Coordenador Nacional de Cooperação e Desenvolvimento
Coordinador Nacional de Cooperación y Desarrollo
National Cooperation and Development Coordinator

Luiz José da Silva
Gerente Nacional de Administração
Gerente Nacional de Administración
National Administration Manager

Telma Teixeira
Gerente Nacional de Implementação
Gerente Nacional de Implementación
National Implementation Manager

Lícia Moura
Gerente Nacional de Desenvolvimento
Gerente Nacional de Desarrollo
National Development Manager

Fábio Ferreira Mendes
Analista Nacional de Tecnologia
Analista Nacional de Tecnología
National Technology Analyst

Christiane Ramires
Assessoria Nacional de Comunicação
Asesoría Nacional de Comunicación
National Communication Advisory

Alexandro Lima
Coordenador-Geral de Administração
Coordinador General de Administración
General Administration Manager

Marcelo Campos
Curador Chefe
Curador Jefe
Chief Curator

Amanda Bonan
Gerente de Curadoria
Gerente de Curaduría
Curatorship Manager

Andrea Zabrieszach dos Santos
Gerente de Museologia
Gerente de Museología
Museology Manager

Jaqueline Roversi
Gerente de Eventos
Gerente de Eventos
Events Manager

Marcelo Henrique Andrade
Gerente de Comunicação
Gerente de Comunicación
Communication Manager

Matheus Silva
Gerente de Planejamento e Projetos
Gerente de Planificación y Proyectos
Planning and Project Manager

Patrícia Dias
Gerente de Educação e Escola do Olhar
Gerente de Educación y Escola do Olhar
Education and Escola do Olhar Manager

Renata Monteiro
Gerente de Relações Institucionais
Gerente de Relaciones Institucionales
Institutional Relations Manager

Aline Houston
Analista de Projetos
Analista de Proyectos
Project Analyst

Alverindo Borges
Oficial de Manutenção Hidráulica
Técnico de Mantenimiento Hidráulico
Hydraulic Maintenance Technician

Amanda Minguta
Assistente Administrativa
Asistente Administrativa
Administrative Assistant

Andressa Oliveira
Assistente Administrativa da Escola do Olhar
Asistente Administrativa en Escola do Olhar
Assistant at Escola do Olhar

Bruna Nicolau
Museóloga
Museóloga
Museologist

Bruna Santos
Estagiária de Comunicação
Pasante de Comunicación
Communication Intern

Caroline Silva
Assistente de Infraestruturas e Sistemas
Asistente de Infraestructuras y Sistemas
Infrastructure and Systems Assistant

Fernando Porto
Educador Pleno
Educador Pleno
Full Educator

Gisele de Paula
Arquitetura
Arquitectura
Architecture

Guilherme Marins
Educador
Educador
Educator

Josecleiton dos Santos
Oficial de Manutenção Elétrica
Técnico de Mantenimiento Eléctrico
Electrical Maintenance Technician

Juliana Duarte
Assessora de Imprensa
Jefa de Prensa
Press Officer

Karen Merlim
Bibliotecária
Bibliotecaria
Librarian

Keith Soares
Analista Administrativa
Analista Administrativa
Administrative Analyst

Letícia Julião
Educadora
Educadora
Educator

Marcos Inácio Meirelles
Supervisor de Montagem
Supervisor de Instalación de Obras de Arte
Artwork Installation Supervisor

Maria Rita Valentim
Analista de Educação
Analista de Educación
Education Analyst

Michael Verissimo
Assessor de Comunicação
Asesor de Comunicación
Communication Advisory

Priscila Zurita
Assistente de Museologia
Asistente de Museología
Museology Assistant

Priscilla Souza
Educadora de Projetos
Educadora de Proyectos
Project Educator

Rajnia De Vito Nunes
Educadora de Projetos
Educadora de Proyectos
Project Educator

Renato Dias
Montador
Técnico de Instalación de Obras de Arte
Artwork Installation Technician

Rosinaldo José de Oliveira
Oficial de Manutenção Hidráulica
Técnico de Mantenimiento Hidráulico
Hydraulic Maintenance Technician

CONSELHO MUNICIPAL DO MUSEU DE ARTE DO RIO – CONMAR
CONSEJO MUNICIPAL DEL MUSEO DE ARTE DE RÍO – CONMAR

Luiz Chrysostomo
Presidente
Presidente
President

André Luiz Carvalho Marini
Genny Nissenbaum
Hugo Barreto
Luiz Paulo Montenegro
Nilcemar Nogueira
Paulo Niemeyer Filho
Pedro Buarque de Holanda
Ronald Munk

INSTITUTO ODEON
Correalização
Co-realización
Co-realization

Diretor Artístico
Director Artístico
Artistic Director
Carlos Gradim

Diretora de Operações e Finanças
Directora de Operaciones y Finanzas
Chief financial officer
Roberta Kfuri

Coordenadora de Produção
Coordinadora de Producción
Production Coordinator
Stella Paiva

Consultora de Planejamento e Projetos
Consultora de Planificación y Proyectos
Planning and Project Consultant
Marisa Bueno

Administrativo, Financeiro e Recursos Humanos
Administrativo, Financiero y Recursos Humanos
Administration, Finances and Human Resources
Douglas Bastos, Leandro Moraes, Raphaela Machado, Thaynara Rosa

Museologia
Museología
Museology
Bianca Mandarino, Mayra Brauer

Assistente de Relações Institucionais
Asistente de Relaciones Institucionales
Institutional Relations Assistant
Alice Corrêa

Estagiária de produção
Pasante de producción
Production Intern
Fernanda Jardim

Estagiária de Acervo
Pasante de colección
Collection Intern
Waleska Oliveira

CONSELHO DO INSTITUTO ODEON
CONSEJO DEL INSTITUTO ODEON

Presidente
Presidente
President
Bruno Pereira

Emilia Paiva
Adriana Karla Rodrigues
Tatyana Rubim
Renata Salles
Mônica Bernardi

CRÔNICAS CARIOCAS
EXPOSIÇÃO

Curadoria | Curaduría | Curatorship
Amanda Bonan, Marcelo Campos, Conceição Evaristo, Luiz Antônio Simas

Equipe de curadoria e pesquisa | Equipo de curaduría e investigación | Curatorship and Research Team
Ana Clara Schubert, Juliana Pereira, Mariano Marovatto, Pollyana Quintella, Thayná Trindade

Consultores | Consultores | Consultants
Amara Fernandes, Brenda Rosa, Jessé Andarilho, Miguel Mirim

Projeto Expográfico I Proyecto Expográfico I Architects
Valdy Lopes, Aline Arroyo (asistente)

Produção | Producción | Production
Stella Paiva, Fernanda Jardim Bomba Criativa Julia Baker, Marcia Rêgo, Marina Martinez

Museologia e Montagem | Museología e Instalación de las Obras de Arte | Register and installation of artworks
Andrea Santos, Bernadette B. Ferreira, Bruna Nicolau, Livia Lira, Marcos Meireles, Marilia Fernandes, Mayra Brauer, Priscila Zurita, Renato Dias, Tamine Gesualdi

Cenotecnia | Escenografía | Scenography
Camuflagem Produções Artísticas

Identidade visual, Sinalização e Design Gráfico I Identidad visual, Señalización y Diseño Gráfico I Visual identity
Voltz Design | Alessandra M. Soares, Cláudio Santos Rodrigues

Produção audiovisual | Producción audiovisual | Audiovisual Production
Três Marias Filmes I Milena Manfredini, Lorran Dias, Asfilofio Oliveira

Equipamentos audiovisuais | Equipos audiovisuales | Audiovisual Equipment
Linha D Montagens

Montagem das obras | Instalación de las Obras de Arte | Installation of Artworks
KBedim Montagem e Produção Cultural

Impressão Fine Art | Impresión Fine Art | Fine Art Print
Casa 2 Imagem

Digitalização | Digitalización | Digitalization
Guaraná Produção de Conteúdo | Virgínia Vianna

Molduras | Marcos | Framing
Moldurax

Revisão de textos | Corrección de Textos | Proofreading
Ciça Corrêa

Seguro de obras | Seguro de obras de arte | Artwork Insurance
Afinitté Corretora de Seguros

Transporte | Transporte | Transport
Millenium Transportes

Impressão | Impresión | Print
WSM Impressões

Plotagem | Ploteo | Plotting
Ginga Design

Iluminação | Iluminación | Lighting
Julio Katona

Silk | Silk | Silk
Roosivelt Pinheiro

AGRADECIMENTOS | AGRADECIMIENTOS A | THANKS TO

Ademar Britto Junior, Adriana Varejão, Alfredo Turbay, Alexandre Santos de Aragão, Alice Ripper, Ana Beatriz Almeida, Ana Olimecha, Ana Varella, Angela Mascelani, Artur Brandão, Betty Faria, Brenda Valansi, Bruna Araújo, Bruno Oliveira, Cely Mesquita, Cesar Oiticica Filho, Clara Gerchman, Claudia Raia, Claudio Chagas, Claudio Tovar, Conrado Mesquita, Denise Michelotti, Domicia Gomes, Eduardo Benjamin, Erica Schmatz, Enzo Ferrara, Fabiano Ribeiro Doyle, Fernanda Sansil, Frances Reynolds, Frederico Pellachin, Fulvia Sannuto, Gabriella Moyle, Glaucia Leme, Isabel Sued, Jacques Ardies, Jaime Portas Vilaseca, Janine Magalhães, João Vergara, Jochen Volz, Jones Bergamin, José Augusto Ribeiro, Juliana dos Santos, Laís Amorim, Lucas Van de Beuque, Luciana Silva Soares, Ludmilla Lis A. de Lima, Luisa Strina, Luiz Botelho Macedo Costa, Luiz Schymura, Luzia Ribeiro, Marcelo Monzani, Mara e Marcio Fainziliber, Marcelo Gonzaga, Marcelo Valente, Marcos Gallon, Margareth Telles Pereira, Marjory Prado, Maria Eduarda Marques, Maria José da Silva Fernandes, Mario Canivello, Matheus Yehudi, Max Perlingeiro, Naiade Gasparine, Nina Belotto, Patrícia Chaves, Rafael Nogueira, Rafaella Tamm, Ricardo Resende, Roberta Mesquita, Rodrigo Monteiro, Ronie Mesquita, Sonia Braga, Sergio Burgi, Teresa Cristina, Valéria Piccoli, Veridiana Prado, Victor Klagsbrunn, Vinícius Belo, Vivian Fava Paternot, Zezé Motta

GALERIAS E INSTITUIÇÕES | GALERÍAS E INSTITUCIONES | GALLERIES AND INSTITUTIONS

Acervo Banco Itaú, Acervo Jornal do Brasil, Almeida e Dale Galeria de Arte, Ardal Comércio de Artigos Religiosos, Arquivo Nacional/Fundo Correio da Manhã, Biblioteca Nacional, Bolsa de Arte, Casa Triângulo, Coleção Santander Brasil, Danielian Galeria, Galeria Aura, Galeria da Gávea, Galeria Fortes D'Aloia & Gabriel, Galeria Jacques Ardies, Galeria Jaime Portas, Galeria Luisa Strina, Galeria Mendes Wood, Galeria Millan, Galeria Nara Roesler, Galeria Vermelho, MAC Niterói, Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, Museu Casa do Pontal, Museu do Ingá, Museu Lasar Segall, Instituto Moreira Salles, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Pinakotheke

ARTISTAS | ARTISTAS | ARTISTS

Agrade Camíz, Alair Gomes, Alberto da Veiga Guignard, Alcyr Cavalcanti, Alexandre Savino, Alexandre Vogler, Allan Pinheiro, Almir Veiga, Ana Alves, Ana Carolina Fernandes, Ana Denise, Ana Stewart, Ana Vitória Mussi, André Vargas, Antonio de Oliveira, Antonio Guerreiro, Asfilófio Oliveira, Augusto Malta, Bárbara Copque, Bastardo, Beto de Juazeiro do Norte, Bianca Kalutor, Bispo do Rosário, Brígida Baltar, C. H. Stamm, Carla Santana, Carlos Vergara, Carmen Dolores, Caroline Valansi, Castiel Vitorino Brasileiro, Cinthia Marcelle, Claudia Andujar, Claudia Hersz, Cora Azêdo, Cristina Canale, Custódio Coimbra, Daniela Dacorso, Dario Villares, David Zingg, Democrito Bezerra, Denilson Baniwa, Douglas Ferreiro, Edu de Barros, Efrain Almeida, Elian Almeida, Elisa de Magalhães, Elisa Martins da Silveira, Emiliano Di Cavalcanti, Emmanuel Nassar, Evandro Teixeira, Evelyn Gutierrez, Fábio Caffé, Fernanda Lemos, Fidelis, Francisco Graciano, Fuso Coletivo, Gabriela Leite, Gabriella Marinho, Glauco Rodrigues, Guilherme Ginane, Guilherme Kid, Guilhermina Augusti, Guy Veloso, Hariel Revignet, Heitor dos Prazeres, Helena Rodrigues, Hélio Oiticica, Hevelin Costa, Ismael Nery, Ivan Morais, Jade Maria Zimbra, Januário Garcia, Jean Manzon, José Medeiros, K. Lixto, Kaê Guajajara, Kandú Puri, Kika Carvalho, Kurt Klagsbrunn, Kwaku Ananse, Laerte Coutinho, Laís Amaral, Laura Magalhães, Lasar Segall, Lilian Rosa, Lorran Dias, Lucas Araújo, Lucas Assumpção, Lucia Laguna, Luiz Baltar, Magaiver Fernandes, Marcela Cantuária, Márcia Falcão, Márcia Foletto, Marcos Cardoso, Marcos Prado, Marepe, Marina da Silva, Melissa de Oliveira, Mestre Didi, Micael Bergamaschi, Milena Manfredini, Mônica Ventura, Mulambo, Nádia Taquary, Natasha Roxy, Okun, Pierre Verger, Rafael Amorim, Rafael Baron, Rafael Bqueer, Rafaela Pinah, Raphael Cruz, Robson de Souza Viana, Rogerio Reis, Rosana Paulino, Rosangela Aquino Lopes, Rosemar Aquino Lopes, Rosina Becker do Valle, Rubens Aquino Lopes, Rubens Gerchman, Samuel Szpigel, Sergio Werneck, Sheila Aragão, Simplice Ajaiy, Sônia Gomes, Taísa Vitória, Teresa Cristina, Thales Leite, Thiago Ortiz, Thierry Frères, Tiago Sant'Ana, Trinaz Fox, Vânia Mignone, Ventura Profana, Vicente de Mello, Victor Arruda, Wallace Pato, Wilton Montenegro, Yhuri Cruz, Yná Kabe Rodriguez, Yvonne Visconti Cavalleiro.

CRÔNICAS CARIOCAS | CATÁLOGO

Organização | Organization
Amanda Bonan, Marcelo Campos, Pollyana Quintella

Coordenação editorial | Editorial coordination
Organização dos Estados Ibero-americanos - OEI
Instituto ODEON

Supervisão editorial | Editorial supervision
Marcelo Henrique Andrade

Design gráfico I Graphic design
Voltz Design | Alessandra M. Soares, Cláudio Santos Rodrigues

Revisão de texto
Michael Verissimo

Assistente de edição | Edition assistant
Alice Corrêa, Juliana Duarte

Fotografia I Photography
Beatriz Gimenez

C947
2021

Crônicas Cariocas [recurso eletrônico] / curadoria de Marcelo Campos, Amanda Bonan, Luiz Antônio Simas e Conceição Evaristo. -- Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2021

154 p,: il.,color ;
Formato: pdf
Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader
E-book: modo de acesso World Wide Web

Catálogo da exposição realizada no Museu de Arte do Rio de 25 de setembro de 2021 a 31 de julho de 2022.
Texto em português e guarani.
ISBN 978-65-89057-02-4

1. Crônica – Cidade – História. 2. Narrativas Pessoais – Memória – Rio de Janeiro. 3. Exposição - Brasil. I. Campos, Marcelo. II. Bonan, Amanda. IV. Simas, Luiz Antônio. V. Evaristo, Conceição. VI. Museu de Arte do Rio. VII. Instituto Odeon. VIII. Organização dos Estados Ibero-Americanos.

CDU 82-95(815.3)
CDD 869.4

MUSEU DE ARTE DO RIO
Praça Mauá, Centro
20081-240
Rio de Janeiro, RJ
(21) 3031 2741

Lei de Incentivo à CULTURA

MANTENEDOR
INSTITUTO CULTURAL VALE

PATROCÍNIO MASTER
equinor

PATROCÍNIO
bradesco seguros

PATROCÍNIO
ESCOLA DO OLHAR
Itaú

GESTÃO
OEI

CORREALIZAÇÃO
ODEON INSTITUTO

APOIO
GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO VAMOS VIVER O JOGO

CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO
Fundação Roberto Marinho
Rio PREFEITURA
CULTURA

REALIZAÇÃO
SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO
PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL